

*Ladino* val o mesmo que *destro*, e *esperto*; mas não se applica rigorosamente senão a negros, que percebem bem o que se lhes diz, e encomenda; ou a estrangeiros, que tomaram depressa a lingua, e tem espertesa para se acomodarem aos costumes da terra.

*Ladrão*, se é famoso, e antigo no officio, diz-se *cadimo*; se é matador, *assassino*; se é de estrada *salteador*; se de furtos miudos *ratoneiro*; se de thesouros, ou dinheiro publico *roubador*; se do mar *corsario*, ou *pirata*; se em companhia de outros *bandoleiro*, &c.

*Ladroeira* não é furto, como muitos entendem, mas sim o logar, onde se recolhem os ladrões. Veja-se a Barros na Decad. 2 pag. 115, e com elle a todos os outros Classicos, que jámais usaram de *ladroeira* por synonimo de *ladroice*, como hoje comummente se usa.

*Lago* não é o mesmo que *lagôa*. Ao *lago* nunca falta agua, porque nasce nelle, e á *lagôa* sim, secando-se no estio. De maneira que as aguas dos lagos são ordinariamente as das fontes dos montes, que se estagnam nos valles; e as das lagôas são procedidas comummente das chuvas do inverno.

*Lamentar* é sentir alguma cousa com lagrimas, gemidos, e gritos. Erram os que o tem por synonimo de mero *chorar*, e sentir.

*Lamina* não serve só para metaes; tambem se applica para marmores com o exemplo de Vieira, que no tom. 4 disse. «Com *laminas* da mesma pedra» isto é, com *folhas*.

*Latir* não é no cão o mesmo, que simples *ladrar*; antes é outra casta de voz mais fina, de que elle usa, quando segue a caça, ou vendo-a, ou conhecendo pelo faro, que lhe vai adiante.

*Lauto*, palavra, de que usa o P. Telles na sua *Ethio-*

*Alta* pag. 287, não val o mesmo, absolutamente fallando, que *esplendido*, e *magnifico*, mas é termo, que serve só para denotar grandeza, e magnificencia na mesa, quando abunda de diversas, e custosas iguarias; e por isso se diz *lauto* banquete, &c. e não *lauta* festa, &c.

*Leveza*, e *leviandade*, não a confundiam os nossos bons Auctores. Usavam de *leveza* no sentido literal, pelo contrario da *gravidade*, e era o mesmo que *levidão*. *Leveza* no sentido metaforico era *leviandade*, e chamavam *levianas* ás pessoas de leve juizo.

*Liberto* não é rigorosamente synonymo de *livre*; e não se deve dizer *liberto* de cuidados, de cargos, de filhos, &c. mas sim *livre*; por que *liberto* é em rigor o escravo forro, e acha-se na Ordenação do reino com este significado. Bem disse o Auctor do livro *Dominio sobre a fortuna* chamando na pag. 202 aos homens *libertos* de Deus.

*Lyceo*: erram aquelles, que na presa usam esta palavra, como synonymo de academia, em que se cultivava a poesia. *Liceo* era a aula de filosofia, que Aristoteles tinha em Athenas.

*Lisongear*, e *adular*, querem os bons criticos, que tenha entre nós a mesma differença, que tinha entre os romanos *assentari*, *adulari*. Dizem pois, que *lisongear* é dar louvores não merecidos com encarecido fingimento para captar a graça de alguém. *Adular* é o mesmo, mas com modos servís, acompanhados de gestos, que demonstrem afagos, porque *adulator* na lingua latina vem propriamente do cão afagueiro quando faz festa a alguém. Por onde competindo á lisonja o epitheto de *vil*, ainda este é mais proprio da adulação.

*Logradouro* não é propriamente o lugar, que tem vista espaçosa, e diversa, segundo a significação commum

tendo-se por synonimo de *mirante*, ou *miradouro*, mas sim um campo publico, onde qualquer pode mandar pastar o seu gado; ou o chão, que alguém para sua maior commodidade tem adiante das suas casas. Neste sentido é que se diz: casas com seu *logradouro*.

*Longanimidade*, palavra, de que usou Vieira no tom. 3 pag. 133, e depois d'elle outros muitos; não é qualquer firmeza, e constancia de animo, mas aquella, que é um dos sete dons do Espirito Santo, com a qual igualmente se recebe o bem, e o mal. Differe nisto de *paciencia*, por que esta só tem relação com o mal, ao qual constantemente se acomoda.

*Malevolencia* confundem muitos com *odio*, mas propriamente só significa *má vontade* a alguém com alguma causa, porque sem ella é *antipathia*.

*Malfeitor* em significação rigorosa é qualquer culpado em algum crime, e não o Auctor de graves delictos, porque a este tal pertence propriamente o nome de *facinoroso*; porém é mui usado fazerem synonimos a estes dous nomes.

*Manceba* de homem solteiro é *concubina*; de casado davam-lhe os nossos antigos o nome de *comborça*; de portas a dentro *amiga*, segundo Bluteau nas frases portuguezas.

*Mangra* é o damnoso humor, e orvalho da nevoa, que não deixa medrar os fructos da terra. Por metaphora é que se applica á gente desgraçada, e tambem á ociosa, a quem não luz o trabalho.

*Maquina* erradamente tomam muitos por uma grande, e sumptuosa fabrica, quando no sentido literal não significa outra cousa, senão engenho mecanico, composto de diversas peças, com que obra a arte extraordinarios effeitos; e no sentido figurado significa empreza grande, difficultosa, &c.

*Masmorra*, palavra arábica, é propriamente uma prisão subterranea, em que os mouros de Barbaria recolhem de noute os escravos: de sorte que não é cadêa para castigo, mas casa para guarda.

*Matrona*; é termo, que não se deve applicar [fallando em sentido rigoroso] a mulher donzella, mas só á que é casada, ou que pelo menos em algum tempo o foi.

*Melancolia* differe de *tristeza*, em que esta é enfermidade do animo, e aquella do corpo, quando se exalta o humor melancolico: uma é paixão do espirito, outra é natural doença. Porem a cada passo se acha nos Classicos o uso destas palavras como synonymas.

*Melodia* diz Bluteau, que differe de *harmonia* em ser um certo primor, suavidade, e brandura de voz no canto, a qual precisamente se não dá sempre na *harmonia*.

*Mendigo* é o publico pedinte que nada tem para se alimentar. *Pobre* é o que tem pouco para poder viver. Aos que nada tem de seu, mas pedem em segredo, querem muitos, que não se devam chamar *mendigos*, por que não pedem claramente de porta em porta.

*Meretriz* não é mulher tão escandalosa como *prostituta*. Segundo os romanos *meretriz* era a que só de noute entregava com cautella o seu corpo; e *prostituta* a que com escandalo o expunha de dia, e noute. A' mulher, que só admitte um, não se deve [segundo o Direito] chamar *meretriz*, mas de *falta*.

*Milagre*, *prodigio*, e *portento* não são rigorosamente a mesma cousa. *Milagre* é obra admiravel da mão divina, superior a toda a faculdade creada, e contra o curso ordinario das cousas. *Prodigio* é o effeito de cousa maravilhosa, que já se havia predicto. *Portento* é sinal extraordinario, e por vezes observado, que prediz cousa muito notavel. *Monstro* é cousa contra a ordem natural.

*Misero* differe de *miseravel*, segundo alguns criticos. Quem justamente é castigado pela justiça [dizem elles] é *misero*, mas não *miseravel*: quem injustamente padece, é *miseravel*. De maneira que todo o *miseravel* é *misero*, mas nem todo o *misero* é *miseravel*.

*Moderação* em termo rigoroso é comedimento, e temperança no obrar. *Modestia* é compostura da pessoa em todo o seu exterior. Porem facilmente se acham bons exemplos, que fazem *synonimas* a estas duas palavras.

*Mofa* não é simples escarneo, mas escarneo acompanhado de alguns trejeitos despresadores, e palavras de ironia, mostrando-se dó affectado de quem se escarnece. De maneira que escarnecer de alguém sem accções injuriosamente ridiculas, e satiricas, diz Perotto, que não é *mofar*.

*Momento* não é segundo a accepção commua um brevissimo espaço de tempo, mas um indivisivel de tempo assim como é entre os mathematicos o ponto a respeito da linha.

*Montante* é espada, que excede na grandeza a altura do homem, e se joga com duas mãos. Desta palavra usou Vieira, tradusindo o texto de S. Paulo. « *Penetrabilior omni gladio ancipiti*. Tom. 10 pag. 363.

*Montear* é caçar caça monteza. Usou-o Vieira no tom. 8 pag. 308. Deste verbo vem a montaria.

*Mortificação* por desgosto, dissabor, e pena tem poucos exemplos bons em Auctores historicos, politicos, &c. Porem tomada por voluntario castigo do corpo, tem a seu favor a auctoridade dos nossos melhores classicos.

*Mortorio* é propriamente vinha perdida, ou mato pequeno, que já foi plantado. Daqui vem a metafora de se dizer de uma cousa, de que já se não faz caso, e de um negocio, que não vai avante, *está em mortorio*: é

erro dizer-se em *mortuorio*, por que esta palavra val o mesmo que estar triste, e callado, como se está em occasião de morte.

*Motejar* differe de *mofar*. *Motejar* é dizer palavras picantes, e *mofar* é especialmente fazer gestos para escarnecer.

*Motim* é o mesmo, que *tumulto*, mas não o mesmo, que *levantamento*, e *sedição*. *Motim* é alteração *repentina* do povo, ou soldados mal contentes de alguma coisa. *Levantamento* é *rebellião premeditada*: *sedição* é *perturbação entre nobres, e plebeus, misturados, e contrarios a alguma cousa*.

*Mouco* não é o mesmo que *surdo*. Este é o que nada ouve, aquelle o que ouve mal. Um tem *privação total* deste sentido; outro defeito nelle.

*Nascer*; na ordem da natureza diz-se propriamente do homem, e dos animaes. Das flores o seu nascer é *brotar*; das folhas *abrir*; das arvores, e fontes *rebentar*; dos enxertos *abrolhar*; das perolas *congelar*; do dia *romper*; da luz *apontar*; da aurora *amanhecer*; do sol *raiar*, &c. Com estes exemplos vá o leitor, observando outros muitos verbos, que equivalem a nascer, para os applicar com propriedade ás cousas, a que pertencem.

*Noticia*, *nova*, e *novidade*, posto que valham communmente por synonymos, tem differença. *Noticia* é coisa, que vem ao nosso conhecimento: *nova* é qualquer successo novo, que se participa, e divulga: *novidade* é qualidade de cousa moderna, contraria ao uso antigo. As *noticias* [dizia D. Francisco Manuel] que vos posso mandar por *novas* da côrte, é haver *novidades* em tudo.

*Obelisco* não é o mesmo que *pyramide*, como muitos entendem, fazendo-os synonymos. *Obelisco* é uma só pedra, e essa delgada em comparação da *pyramide*, que

é mais larga na base, de menor altura, e de diversas pedras. Os italianos aos obeliscos chamam *agulhas* em razão da sua delgadeza.

*Oblação*, offerta a Deos de cousas inanimadas: *holocausto*, de cousas vivas, que hade consumir o fogo.

*Obscuridade* em sentido rigoroso são aquelles actos, accões, e palavras deshonestas, que se faziam na comedia antiga: de sorte que fallará com toda a propriedade quem disser as *obscuridades* do theatro, por que da *scena* é que veio mais este synonymo de *deshonestidade*.

*Olhos*, segundo a diversa côr, ou movimento, assim tem diversos nomes. Aos que não olham rectamente, chamam-se *vesgos*: aos que não tem movimento gracioso, e scintillante, *pasmados*: aos de vista aguda *linceas*: aos que tem ar modesto, *azevieiros*: aos que tem as meninas brancas, *gazeos*: e aos namoradores, *pombinhos*, segundo os nossos antigos poetas. Veja-se a Francisco Rodrigues Lobo na sua Primavera, part. 3 pag. 83. Hoje damos este nome aos que na côr sanguinea, e na figura redonda e pequena, se parecem com os do pombo.

*Onça* não é, como muitos imaginam, a femea do tigre, mas animal [posto que semelhante] de especie diversa. Alguns querem, que o seu macho seja o *leopardo*.

*Orar* é pedir com veneração: *rogar* é deprecar com rogos: *supplicar* é pedir com humildade.

*Ornato* de mulher são *enfeites*, a que em outro tempo chamavam *atavios*: de homem era algum dia *adereço*: de mesa *aparamento*: de casa *alfayas*: de igreja *armação*: de altar *ornamentos*: de cavallo *jaezes*, &c.

*Ouro* purificado de todas as fezes diz-se de *vinte e quatro*: ao que traz algum outro metal da mina, como latão, ferro, &c. chama-se *acro*: antes de ir ao fogo é *bruto*, ou *virgem*.

*Paixões* do animo: quasi que cada uma tem seu verbo proprio. O medo *comprime* o coração: a inveja o *roe*: a angustia o *desalenta*: a soberba nos *incha*: a ira nos *accende*: o furor nos *precipita*: a esperança nos *inquieta*, &c.

*Palafrem*, de que usou ainda o Auctor da *Ulissea* no cant. 7 est. 19, não é synonimo de qualquer cavallo, mas significa só cavallo manso, ricamente ajaezado para o uso de princezas, e damas.

*Parafraste* é o que traduz algum livro sentido por sentido: *metafraste* o que traduz palavra por palavra.

*Pathetico* entendem muitos que é epitheto, que só se deve applicar aos effeitos da dor, e compaixão, porém em rigor não é assim, porque *pathetico* é tudo aquillo, que é proprio para excitar nos animos qualquer paixão, e affecto, ou seja de amor, ou de odio, de alegria, ou de pena, &c.

*Patibulo*, e *cadafalso* não se devem equivocar como synonimos: o primeiro pertence só para criminosos plebeus: o segundo para nobres. Os enforcados vão ao patibulo, os degolados ao cadafalso. Temos um Auctor moderno, que não esteve por este rigor de linguagem.

*Patrono* segundo a nossa ordenação é o senhor do seu liberto, ou escravo forro: nos pleitos é *advogado*.

*Pavilhão*: usam alguns modernos desta palavra na significação de bandeira de náu de guerra, mas erradamente, porque em portuguez significa tenda de campo, ou certa armação do leito, ou cobertura do sacrario. Em qualquer destas accepções tem bons exemplos; na de bandeira ainda nenhum achamos.

*Pavor*, *temor*, *medo*, e *susto* tudo tem sua differença, se consultarmos os antigos grammaticos. Segundo elles *pavor* é medo pueril: *temor* medo de mal proximo,



e iminente: *medo* perturbação do animo reflectindo no futuro: e *susto* repentina consternação do espirito.

*Paz*: diz-se propriamente, quando os principes, ou pessoas publicas poem termo ás suas discordias: *concordia* é entre pessoas particulares, ou de cousas domesticas: *composição* é entre partes offendidas. «Com a caridade [dizia Diogo de Paiva de Andrade em um discurso manuscripto, que vimos] pacificam-se os imperios, compoem-se os litigantes, *concordam* os desavindos, congressam-se os inimigos, &c.»

*Pendor* erradamente o tomam muitos por synonymo de *peso*, quando elle em rigor só significa *declividade*, e em sentido metaforico *propensão*. Neste sentido se achará em graves Auctores, e na primeira significação o usou Vieira tom. 2 pag. 65 dizendo: «Nenhum *pendor* fazem á balança.»

*Permittir*: erradamente se usa a cada passo deste verbo por synonymo de *dispor*, e *ordenar*, quando a sua genuina significação é não impedir alguma cousa illicita. *Permitte* Deos o peccado: *dispoem*, e ordena as prosperidades, &c.

*Plebe* rigorosamente não é o mesmo que *povo*, postoque muitas vezes se confundam estes dous termos: *plebe* é o mesmo que *vulgo*, isto é, a multidão vil, e pobre da gente de qualquer cidade, ou povoação numerosa. *Povo* comprehende as pessoas nobres e civís.

*Plectro* em rigor não é instrumento musico, mas sim o arco, ou cousa semelhante, com que se ferem as cordas de algum instrumento. Daqui veio a pueril metafora de chamar Fernão Corrêa de Lacerda *plectro* ao badallo do sino. Veja-se a sua carta pastoral na pag. 69.

*Poema* não é só a epopea. A tragedia, a comedia, a tragicomedia, &c. tambem são poemas; mas com esta

diferença, que a epopeia é poema *epico*, e a tragedia, comedia e tragicomedia poema *dramatico*.

*Ponderar e pesar*, sendo o mesmo na significação, o uso é diverso. *Ponderar* só serve no sentido metaforico, isto é, tomar o peso a cousas, que de si o não tem, v. g., ponderar razões, palavras, negocios &c. *Pesar* é para o sentido literal, v. g., pesar o ouro, o ar, os metaes &c. Tambem se usa no sentido figurado.

*Potestade*, posto que se ache em alguns auctores, significando *poder*, não são estes da primeira nota. Nos *Classicos* acha-se esta palavra significando espiritos celestes, e algumas vezes grandes potentados da terra.

*Prantear* não é simplesmente *chorar* a desgraça propria ou alheia, mas chora-la com gritos, gemidos e percussoens no corpo, como v. g. bater nas faces, no peito &c., como faz o povo por demonstração de grande sentimento.

*Pratear* não é o mesmo que *argentear*; o primeiro significa cobrir ou guarnecer alguma cousa com prata solida, e o segundo cobrir com pães de prata reduzida a folhas, que depois se burnem.

*Praia* é só proprio do mar: *margem* dos rios. Esta differença a cada passo confundem os escriptores pouco correctos.

*Preambulo* é discurso que precede a alguma narração; porem no sermão diz-se *Exordio*: na comedia *Lôa*: nos livros *prologo*.

*Prenda* por penhor amoroso tem muitos exemplos; por boas partes, dotes e qualidades, dizem que nenhum, que seja *Classico*, como se resolveu nas conferencias eruditas do conde da Ericeira; porem eu acho em Vieira no tom. 3. pag. 94, «mulher dotada daquellas *prendas*, que estimam e idolatram os que não são santos.» No tom. 4. pag. 89. «Graças e *prendas* pessoas»: e na pag.

146 disse: «Todas as senhoras do mundo são *prendadas*.» No tom. 6. pag. 232: «Com tantas *prendas* juntas» &c. Donde se vê que resolveram inadvertidamente aquelles sabios academicos. Verdade é que não achámos esta palavra em outro algum Classico anterior a Vieira.

*Prerogativa* é propriamente a distincção em votar primeiro que os outros em alguma cousa, porque traz a sua origem de um tribuno romano chamado *Prerogativo*, que tinha o privilegio de dar o seu voto primeiro que os outros na eleição dos magistrados. Donde *prerogativa* só cahe bem onde ha *precedencia*.

*Prestigio*, palavra de que usou Vieira no tom. 6. é propriamente aquella artificiosa apparencia e illusão, com que alguns homens enganam a outros em jogos e habilidades de mãos. Daqui vem chamarem-se *prestigios* ás obras diabolicas que fazem os feiticeiros, mostrando na apparencia que transformam uma substancia em outra.

*Primicias* não são só os primeiros fructos que dá a terra em cada anno, e se offerecem a Deus, mas os principaes e mais escolhidos. Differem *primicias* de decimas em que estas tem quantidade taxada, e aquellas não, exceptuando se eram de animaes, porque na lei antiga se dava de duzentos um.

*Primor* não é qualquer perfeição, mas a mais apurada, onde se póde chegar. Por isso diz com razão Duarte Nunes na Origem da Lingua Portugueza, pag. 124, que esta é uma daquellas especiaes palavras que temos, que não se podem explicar bem em outras linguas.

*Principios*: na grammatica são *rudimentos*: na geometria *Elementos*: na musica *preludio*, isto é, *afinação*: do dia *crepusculo*: da batalha *escaramuça*: da missa *introito* &c. Vide *preambulo*.

*Prioreza*: titulo da prelada de qualquer convento, que não é monacal ou abbadia; porem entre as carmelitas descalças é priora.

*Privilegio*, segundo toda a sua forga latina, não é o mesmo que *graça* feita a um privado particular, e não ao publico. Vem do latim *privatus*, que val o mesmo que *valido*, singular e particular. Hoje porem a palavra *privilegio* significa qualquer graça que o superior concede ao inferior.

*Propinquidade* e *propinquo*, posto que seja o mesmo que *proximidade* e *proximo*, comtudo os nossos Classicos usavam de *proximidade* e *proximo* no sentido moral, ou em termos facultativos, v. g., caritativa *proximidade* com todos, occasião *proxima*, materia *proxima* &c. E guardavam *propinquidade* e *propinquo* para outras accepções, dizendo v. g. [como disse Vieira no tom. 2. pag. 87.] *Propinquidade* do sangue: ruina *propinqua*, como se acha em Brito no tom. 2. da Mon. Lusit. pag. 8. &c.: materia *propinqua* a ouro, como se lê na Corte na Aldeia, pag. 144. &c. Porem esta observação não é tão segura, que não se ache nos mesmos ou em outros auctores usadas as sobreditas palavras como synonymas.

*Prosapia* não é simplesmente o mesmo que *geração*, mas geração antiga e nobre; por isso se diz com proprieidade a *prosapia* dos reis, e não *geração*. Assim o vemos praticado por Duarte Ribeiro de Macedo no seu Juizo Historico pag. 25., e por outros Classicos de igual auctoridade.

*Quilate* é só para ouro, e algumas pedrarias preciosas, como *diamante* e *rubim*. As *perolas* tambem se pesam a quilate.

*Quindennio* é espaço de quinze annos: *triennio* de tres: *quatrennio* de quatro: *quinquennio* de cinco: se-

*xennio* de seis: *decennio* de dez &c. De todas estas palavras ha exemplo em portuguez, postoque nem todas são classicas.

*Raça* é propriamente geração de animaes, assim como *casta* é de homens. Quando *raça* se applica a gente, é sempre em mau sentido. *Raça* de mouro, judeu &c.

*Rancor* entendem muitos que é menos que odio, mas enganam-se, porque é propriamente odio inveterado e occulto no coração, até se offerecer occasião de vingança. Deriva-se de *ranço*, no que bem denota ser odio antigo.

*Rapina* não é synonymo de *furto*, porque é tirar com violencia o alheio, e furto é tira-lo com destreza, ou sem violencia sensivel. Demais, *rapina* é roubo publico, e *furto* é particular.

*Raridade* e *rareza*, postoque em rigor signifiquem o mesmo, e tanto se diga *rareza* como *raridade* de ouro &c., com tudo temos observado nos auctores classicos, que commummente usam de *raridade* para explicar em cousa quasi singular; e *rareza* para exprimirem cousa delgada, pouco espessa ou transparente. *Raridade* do juizo, do engenho &c. *Rareza* de panno, rede &c. O vulgo diz *raleza* e *ralo*.

*Reheldia* querem muitos que seja mais proprio para as paixões que se rebellam contra a razão, e *rebellião* para o levantamento de um ou muitos vassallos contra o seu legitimo senhor.

*Reclamação* e *reclamo* passam por synonymos entre os ignorantes. *Reclamação* é termo forense, que vem do verbo *reclamar*; e *reclamo* é instrumento de caçador para chamar algumas aves.

*Reliquia* no singular só se usa no sentido sagrado, significando alguma parte do corpo de um santo, ou cou-

sa que fôra do seu uso, quando mortal e viador. No plural significa o restante de qualquer cousa, desbaratada do poder ou do tempo. Commummente val o mesmo que *sobejos* e *residuos*; sendo que muitos pretendem que *sobejo* seja para cousas comestiveis, *residuo* para bens, e *resto* para dinheiro. Nos auctores não acho fundamentos para estas differenças.

*Reminiscencia*, palavra que se acha em diversos auctores, não é o mesmo que *memoria*. Esta é de especies sempre conservadas, e aquella de especies já quasi apagadas. Por outro modo, *memoria* é uma continuada reminiscencia, e a *reminiscencia* uma memoria interrupta, que se renova. Por isso um filosofo lhe chamou *memoria resuscitada*.

*Reo* propriamente não quer dizer *culpado*, como imaginam os ignorantes, mas sim homem demandado por quem é *auctor*. Póde ser reo, e ser innocente: a prova da culpa é que o faz culpado.

*Repudio* em sentido rigoroso não póde ser entre christãos synonimo genuino do *divorcio* ou *desquite*, porque o prohibe a lei que professamos. *Repudio* propriamente é solução do vinculo do matrimonio, de maneira que a mulher repudiada podia tornar a casar. *Divorcio* ou *desquite* é solução em quanto ao leito. Os antigos jurisconsultos faziam differença entre *repudio* e *divorcio*, dizendo que este se verificava em mulher *casada*, e aquella em *desposada*.

*Requ coastar*, assentam comsigo alguns criticos, que é verbo que só tem uso em sentido amatorio; mas enganam-se, porque Barros na Decad. 4. pag. 514, e Lobo, na Corte na Aldea, Dialog. 3. pag. 60, usaram delle no sentido de desejar possuir uma praça e mercadorias.

*Resplendor* em sentido literal é aquella luz clara, que provêm de corpos, que tem luz viva e não reflexa: por onde *resplendecer* não é o mesmo que *luzir*.

*Rez* val o mesmo que animal quadrupede, mas animal que serve de mantimento ordinario ao homem, e anda em rebanho. Por onde animaes que ordinariamente não servem de alimento, como javalis, veados &c. não são propriamente *rezes*, e muito menos as feras. Por isso estranham os criticos a Godinho na sua Viagem da India chamar muitas vezes *rezes* a elefantes e rhinoceron-tes mortos.

*Ribaldaria*, de que usa Brito no tom. 1.º da Mon. Lusit. pag. 353, sendo palavra tomada aos italianos, não significa como entre elles *vileza*, *ladroice* e *desaforo*, mas só falta de fé nas palavras, ou *infidelidade* e *traição*.

*Rifão*, palavra derivada do castelhano, val o mesmo que *adagio* e *proverbio*, isto é, sentença que anda na boca de todos, assim como *proloquio* só na boca dos sabios, significando sentença dita por algum dos antigos Filósofos. Esta differença é de Faria nos Commentarios a Camões, mas quanto a nós, destituída de solido fundamento. Outros com igual razão querem que *adagio* seja *rifão* antigo; *proverbio* dito sentencioso e serio; *proloquio* sentença dos filosofos; *axioma* dos juristas; *aforismo* dos medicos &c. Nós seguindo diverso parecer, dizemos com os bons auctores, que são synonymas todas estas palavras, acrescentando só que *rifão* é termo plebeu, que já se não sofre em grave discurso, e que *adagio* tambem tem alguma baixeza em estilo que não fôr familiar.

*Riso*, se é fingido, acrescenta-se-lhe *sardonico*; se é leve, diz-se *sorriso*; se descompassado, inventaram al-

guns chamar-lhe *caquinada*, imitando aos latinos. Bluteau traz *riso jonico* por afeminado, e *megarico* por intempestivo; mas estas denominações só tem logar na lingua latina: della só tomámos o *sardonico*.

*Rispido* vem de *hispidus*, e significa propriamente cousa coberta de pelo, que ao tacto não é macio, nem brando. Por isso metaforicamente se chama *rispido* ao que tem genio aspero, e os nossos bons Auctores a qualquer cousa desagradavel chamavam *rispida*. Fr. Luiz de Sousa na vida de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, pag. 261, chama a uma má musica popular, e *rispida*.

*Rival*, palavra nova, e com razão introduzida, que significa *amante emulo* de outro, que pretende, e lhe disputa o logro da mesma a quem ama. Donde se vê, que emulo de qualquer outra cousa, se não póde propriamente chamar *rival*. Deveríamos tambem ter *rivalidade* mas ainda a não vemos introduzida.

*Rosto* não é o mesmo que *semblante*. O primeiro applica-se ao que trata com afabilidade. O segundo ao que falla com auctoridade, Vieira tom. 2 pag. 152. O que hontem era amor, hoje é auctoridade; o que hontem era *rosto*, hoje é *semblante*.

*Roubar* diz mais do que *furtar*, assim na quantidade, como no modo; porque *roubar* é tirar por violencia a alguem a sua fazenda, e *furtar* é tirar o alheio em segredo: *roubar* são furtos grandes, e *furtos ladroices* pequenas.

*Salteador* chamam os ignorantes ao que salta muito, devendo pronunciar *saltador*; pois que *salteador* é só o ladrão de estradas. Este erro achamos diversas vezes em certo sermão moderno contra os bailes, o qual corre impresso.

*Samarra* é propriamente vestido de pelles, de que



usam os pastores. Veja-se a Vieira no tom. 7 pag. 116. *Samarrão* diziam os nossos escritores mais antigos. Hoje tambem se dá este nome áquella affrontosa insignia, que levam os judeus relaxados á justiça secular.

*Santissimo* sem algum substantivo, e por antonomasia, é entre nós o Santissimo Sacramento do altar, e não o costumamos apropriar ao summo pontifice, como fazem os italianos, mas sempre lhe ajuntamos algum substantivo, como *santissimo padre, papa, &c.* Faço esta advertencia, porque não vejo praticado o estilo portuguez em algumas traducções de bullas, e papeis da Curia Romana.

*Sapiencia* não é em rigor o mesmo que *sciencia*. Esta é conhecimento de cousas materiaes, e humanas; aquella de cousas intellectuaes e divinas. Por isso propriamente disse Barros na Decad. 3. *Sapiencia*, dom do divino espirito, &c.

*Saudade* não é em rigor um extremo sentimento de algum bem *perdido*, mas ausente com desejos de o lograr. Por isso nos livros asceticos se diz com propriedade *saudades* do ceo, por que é bem, que está distante, e que desejamos lograr. Em sentido mais amplo é que se chama *saudade* á pena, que provem da perda de um bem por causa da morte.

*Segredo* não é o mesmo que *arcano*, o qual significa não segredo ordinario, mas segredo de Deus, ou de principes, como se colhe de Vieira tom. 1.º 696, e 4.º 230.

*Sevicia* crueldade extraordinaria, e só propria de feras. Por isso disse Vieira no tom. 2 pag. 330. «Comerem-se os animaes uns aos outros é voracidade, e *sevicia*, &c.

*Silencioso*, segundo a doutrina de alguns, tem dif-

ferença de *taciturno*. Quem está calado por alguns motivos, é *silencioso*. Quem por natureza, e genio diz poucas palavras, ou facilmente se calla, é *taciturno*.

*Sitio* não é o mesmo que *bloqueio*, como muitos imaginam, pois indifferentemente usam de qualquer destes termos. *Bloquear* é sitiatar ao largo, ou tomar com gente de guerra todas as vias, que vão ter a uma praça.

*Soberano*: na Russia *czar*: na Transilvania *vaiivoda*: de Valaquia *hospodar*: na Turquia *grão senhor*: na Persia *sophi*: na Tartaria *kan*: em Argel *bey*: outros muitos nomes de soberanos da Asia se poderão ver nas nossas historias orientaes.

*Sobrenatural*, e *preternatural*, que frequentemente confundem muitos, tem grande differença. *Sobrenatural* é aquillo, que é superior a toda a força da natureza; e *preternatural* é o que excede á commum ordem da natureza no seu obrar.

*Sobrenome* não é, como muitos entendem, o mesmo que *appellido*. O senhor, que se poem por cortezia antes de algum nome, é que é propriamente sobrenome, como bem disse Vieira no tom. 7 pag. 34 «lhe acrescenta sobrenome de senhor» &c. (*antonomasia*, *metonymia*)

*Sobrevir* é rigorosamente [como diz Vieira] vir sobre ter já vindo; mas tambem significa entre nós vir inopinadamente, e de repente.

*Sobriedade* propriamente é moderação só no beber, e com especialidade vinho. Em sentido figurado é que se toma por moderação em qualquer outra cousa.

*Socorro*, *auxilio*, *subsídio*, e *presidio* tem entre si rigorosa differença. *Socorro* é ajuda em qualquer necessidade, e aperto: *auxilio* é socorro, que vem sem ser esperado: *subsídio* é reforço de milicias para ajudarem as outras em caso de apertada necessidade: *presidio* é soc-

corro para conservar o ganhado, defendendo-o de qualquer invasão dos inimigos, que o perderam.

*Soledade* no uso do seculo passado era o mesmo que *solidão*; presentemente tem differença, porque *solidão* é mero retiro, e *soledade* retiro, em que se sente a ausencia de algum bem, sem ter nelle companhia. De maneira que toda a *soledade* é retiro da alma, ainda que haja companhia; mas nem toda a *solidão* é *soledade*, por que se pode buscar por diversos motivos o retiro das creaturas. Ao que nós hoje chamamos *soledade*, chamavam os nossos antigos *saudades*, e assim diziam a Virgem das *saudades* por Nossa Senhora da *Soledade*.

*Solitario*: vide *Camponex*.

*Subornar*, querem muitos, que seja induzir alguém com palavras artificiosas, e laudatorias: *peitar* induzir com donativos. Um e outro verbo tem seu uso mais proprio no estilo forense.

*Sulcar* propriamente não pertence ao mar, mas á terra, abrindo-a com o arado: em sentido figurado é que se applica ás ondas, porque nellas fazem as quilhas um como rego, e sulco.

*Sumptuoso*; esta palavra commumente a vemos applicada com grande impropriedade, significando o mesmo que *grande*, &c. Propriamente é aquella cousa, em que se fez magnifico dispendio. Muratori na sua *Perfeita poesia italiana*, fallando das grandes ideas poeticas, muitas vezes lhes chama *sumptuosas*, mas foi censurado por Salvini, mostrando-lhe a impropriedade deste epitheto.

*Superfluo* em rigor é cousa liquida, que tresborda do lugar, em que está, v. g. o licor, que não cabe no vaso, e se derrama; o rio, que engrossando a corrente, espraia pelos campos, &c. Neste sentido disse Plinio no seu panegirico. « *Flumina campis superflua*.

*Supplicio* não se diz propriamente do castigo particular, que dá o pai ao filho, o senhor ao servo, &c. mas da pena corporal, que a justiça dá publicamente aos criminosos: a razão é por que *supplicium* em *latum* val o mesmo que *sacrificio* para a expiação de alguma culpa, e o ser castigado pela justiça é em certo modo ser sacrificado em satisfação do crime commettido.

*Sussurro* é brando *murmurio*. Sussurra a fonte, e murmura a despenhada corrente, &c.» disse Bacellar, poeta de purissima linguagem. Tambem propriamente se toma por *zunir* como fez Camões na canção 15 est. 5 falando do zunido das abelhas.

*Tanger*, e *tocar*, fallando de instrumentos musicos, dizem, que tem differença. *Tanger* é para instrumentos de cordas, que se pulsam com as mãos, como viola, harpa, alaúde, &c. *Tocar* é para instrumentos de teclas, ou de assopro. Os que assim dizem allegam com varios exemplos classicos, mas quanto a nós nada provam, por que Fr. Luiz de Sousa, que no tom. 2 da sua Historia pag. 187 disse orgãos bem *tocados*, em outros muitos lugares disse *tangidos*, fallando de instrumentos, ja de uma casta, já de outra. O que nós achamos nos bons Auctores é *tangedor*, e *tanger*, muito mais usados do que *tocador*, e *tecar*.

*Temerario* não é o mesmo que *audaz*, mas aquelle, que é excessivamente atrevido, e audaz sem juizo. De sorte que *temeridade* é vicio contrario á prudencia, e audacia virtude do animo, quando se toma por *intrepidez*.

*Temeroso* ora significa cousa, que se faz temer, ora pessoa que tem medo, procedido não de fraqueza, e pusilanimidade, por que então é ser *timido*, mas de respeito, e reverencia. Por isso propriamente o filho é temero-

so do pai, o servo do senhor, o vassallo do rei, o homem de Deus, &c.

*Temporaneo*, *temporão*, e *temporario* tem significação diversa: *temporaneo*, de que usou Sousa de Macedo no seu *Domin. sobr. a fortuna* pag. 226, é cousa, que passa com o tempo: *temporão* é fructo, que em breve tempo chega á sua perfeita madureza: *temporario*, que se acha em Barros na *Decad. 4* pag. 76 é cousa, que dura até certo tempo limitado.

*Terremoto* se diz só dos tremores, que se sentem na terra: *marimoto* dos que se sentem no mar.

*Titulo* de nobresa illustre. Em Portugal e Hespanha é *grande*: em França *par*: em Inglaterra *milord*: em Veneza *senador*, e *procurador de S. Marcos*: em outras republicas de Italia *gonfaloneiro*: na China *mandarim*, &c.

*Tom* equivocam muitos com *som*, quando *tom* não é outra cousa mais que um *som*, em quanto diz respeito a outro *som*.

*Tornear* não só é trabalhar ao torno, mas rodear e cercar alguma cousa. *Tornear a ilha*, disse Barros na *Decad. 2.* pag. 68. *Tornear a fortaleza* se acha em Jacinto Freire Liv. 2. n.º 145.

*Torpeza* não é simples *fealdade*, mas *fealdade* com sordidez. Por isso é censurado o auctor da *Insulana*, por dizer *torpe* ninfa, como se dissera *torpe* satyro, ou *torpe* velha.

*Torrente* e *corrente* differem; o primeiro é levada de agua, que pára, e o segundo agua que sempre corre. Diz-se *torrente* das chuvas, e *corrente* dos rios.

*Transe* sim significa muitas vezes angustia, adversidade e trabalho, como traz Fr. Bernardo de Brito no tom. 2. da *Mon. Lusit.*, pag. 142; mas a sua rigorosa

e genuina significação é aquelle pònto extremo e perigoso a que nos conduz algum caso commummente adverso.

*Toura* não é como alguns imaginam, synonymo de *vaca* brava, mas sim nome que só serve para denotar *vaca esteril*.

*Triunfal* e *triunfante* equivocam frequentemente os que não sabem, e dizem carro *triunfante*, e arco *triunfante* &c., devendo dizer *triunfal*, por ser cousa concernente a triunfo. Aquellas cousas porem que se acharam na acção do triunfo, podem-se por figura chamar *triunfantes*, v. g., armas, cavallos, bandeiras *triunfantes* &c.; mas ao que serve á pompa ou memoria do triunfo, sempre os antigos chamaram *triunfal*.

*Triumvirato*, magistrado romano de tres homens: *duumvirato* de dous: *quinqüivirato* de cinco: *sextumvirato* de seis: *septemvirato* de sete: *decemvirato* de dez &c. Quasi todos estes nomes tem entre nós exemplos de bons auctores, os quaes a cada um dos ditos magistrados chamavam tambem, v. g., *triumviro*, *ducemviro*, *quinqüeviro*, *sextumviro*, *septemviro*, *decemviro* &c. Alguns com pronunciação inteiramente latina escreveram *trinm-vir*, *duumvir* &c.

*Trovar* e *trovejar* traz Bluteau por synonymos de fazer trovas, mas isto foi em outros tempos: hoje *trovar* é que é só para trovas, e *trovejar* para trovões.

*Turba* e *turma*: o primeiro é multidão sem ordem: o segundo multidão ordenada: e por isso a povo confuso se chama *turba*, porque *perturba*; e a soldados em ordem *turma*, isto é, tropa, esquadrão, fileira &c.

*Vacação* confundem muitos com *vacancia*, sendo aliás termos com significação mui diversa. *Vacação* é suspensão de negocios ou de estudos; e *vacancia* é o ficar alguma dignidade ou Estado sem possuidor. O primeiro é synonymo de *ferias*, o segundo de *vacatura*.

*Veracidade*, palavra que tem bons exemplos, não é o mesmo que *verdade*, mas sim uma prudente moderação da verdade, observando-se para a dizer o tempo e logar opportuno; e segundo as occasiões assim omitta umas verdades com prudencia, e diz outras com singeleza. Esta cautella não é propriamente o objecto da *verdade*, cujo meio ou ponto é indivisivel.

*Verecundia*: com razão diz Bluteau que se deve admittir esta palavra na lingua portugueza, porque *vergonha* não faz bem as suas vezes, pois sendo ambas dous affectos da alma, oppostos á indecencia e deshonna, a *verecundia* é um receio da indecencia e deshonna futura, e a *vergonha* uma dôr da indecencia e deshonna presente ou passada.

*Veridico* e *verdadeiro* tem esta differença: homem verdadeiro é o que falla verdade nua, sem reserva alguma nem attenção ao tempo e genero de pessoas. Homem *veridico* é o que, para dizer a verdade, repara nas circumstancias da occasião, e tem a prudencia por justa medida do que ha de dizer, e do que deve calar.

*Versuto*: posto que não achámos exemplo classico a favor desta palavra, comtudo, como se encontra em diversos livros, especialmente no *Numero Vocal*, preciso se faz dizer que não val o mesmo que *fingido* e *manhoso*, como alguns entenderam, mas sim *prudente* com malicia e sagacidade enganosa, sempre usada para o mal. Supposta a necessidade, deveriamos adoptar este termo, e *versucia* seu abstracto.

*Viagem* em puro portuguez não é o mesmo que *jornada*, esta é caminho que se faz por terra, e aquella por mar, e assim mal se explica quem diz *viagem* a Madrid.

*Vigia*: tem uso mais proprio applicando-se a guar-

da que vela de noite e não de dia. Na milícia é *sentinella*, e tem differença de *espia*, porque esta é disfarçada, e aquella descoberta.

*Vinculo*: temos observado na lição dos *Classicos*, que estes quasi sempre usavam deste termo no sentido moral e figurado: *vinculo* conjugal, da amizade, do sangue, do amor &c.

*Unido* não é o mesmo que *feita uma só coisa* ou *pessoa com outra*, como muitos entendem. Para significar isto, usou *Vieira* no tom. 9 pag. 129, de *aúnado*, para exprimir a união sacramental, dizendo: «Com esta união tão unida e tão uma, ficaremos todos, não só unidos, mas *aúnados* com Christo, unidos pela união, e *aúnados* pela unidade &c.»

*Uso*: não se deve applicar propriamente a coisa á qual não compita em rigor o uso. Eu me explico: aquillo que se emprega em coisa para a qual não foi feita, não se usa, fallando em termos proprios. E assim, v. g., um cavallo de nobre raça, se delle se usou para carga, impropriamente se dirá que se usou delle para carregar, porque não era esse o seu natural uso, que devêra ter e para que fôra creado. [Vide *Bluteau* verb. *Uso*.]

*Vindicação* e *vingança*, sendo em rigor o mesmo, acho commummente nos bons auctores *vindicação* applicada á justiça, e *vingança* aos homens em particular. O mesmo digo de *vindicativo* e *vingativo*: ser vingativo é vicio, ser publico *vindicativo* das leis ultrajadas é virtude, e por isso se diz: justiça *vindicativa*, e não *vingativa*.

*Virgem*, fallando rigorosamente, não é o mesmo que *casta* e *donzella*. *Virgem* é aquella que nunca consentiu em desejo de coisa venerea licita ou illicita. *Casta* é a que nem obra nem deseja coisa illicita em materia venerea. *Donzella* é a que não tem conhecido varão



ou algum outro agente extrinseco, destruidor da sua virginal inteireza.

*Zagal* é propriamente o pastor moço, creado do maioral do gado. O mesmo dizemos de *zagala*; e destas palavras usou frequentemente Lobo nos seus tratados pastoris, e com particularidade no *Pastor Peregrino*.

### FIM DA PRIMEIRA PARTE.



## NOTAS.

**E**sta obra, a tantos respeito interessante para o estudo da lingua materna, comprehendendo as tres partes distinctas em que o Auctor trata copiosamente as respectivas materias, sahe muito volumosa, pelo que formará cada parte um tomo; sem que isso prive, a quem o desejar, de as reunir sob uma capa só. — Se nos alargassemos em numero e extensão de annotações muito maior seria o volume: não é esta porem a razão cabal que nos moveu a ser, quanto possivel, parcos de notas: mas sim o reflectir-mos que illustrar o texto de qualquer escriptor, e ás vezes apontar alguns seus descuidos, não era o mesmo que fazer glossas ou commentarios; nem delles carece o Auctor, porque dedicando-se a escrever para principiantes é claro na exposição, methodico na ordem dos assumptos, escolhendo até para maior facilidade a forma de dictionario nas listas das palavras; alem disto poem quasi sempre diligencia em justificar as suas opiniões e doutrinas com auctoridades que a maioria dos criticos reconhecem e respeitam. Portanto o fim principal das nossas breves annotações é rectificar ou corrigir ideas e juizos que poderiam adoptar-se no meio do seculo passado, epocha em que floreceu o Auctor, mas que os estudos posteriores descobriram erroneas ou mal fundadas.

### Á REFLEXÃO 1.<sup>a</sup> — *Sobre a auctoridade dos Classicos.*

Ninguem melhor do que o nosso Auctor podia dizer-nos (já que tinha tão opportuna occasião como esta) o que devemos en-

tender por *Auctor classico*. Não sabemos o porque o não fez; nem tão pouco o porque o não fizeram depois d'elle os Auctores do Diccionario da Academia, quando alli pozeram o seu Catalogo dos Auctores e Obras, que tomaram por auctoridades para a composição do mesmo Diccionario. Um trabalho desta natureza, executado por aquelles, a quem mais cabia emprehende-lo, teria poupado muito aos estudiosos da literatura, que ouvem sim a cada passo fallar em *Classicos*, citar os *Classicos*, mas que só á força de muito estudar e revolver livros podem chegar a acertar no que isso seja.

Por sem duvida temos que para tapar uma tão grande lacuna na nossa literatura, é que a Acad. das Sciencias propoz no seu programma para o anno de 1840 o seguinte quesito. — *Determinar o que se deve entender por Auctor Classico, com respeito ao estudo das linguas: fazendo applicação desta doutrina aos escriptores portuguezes, e dando um catalogo dos que merecem este nome.*

E' de crer que d'entre os nossos mais illustres literatos não faltasse quem satisfizesse aos desejos da Academia: mas como o publico não tem ainda conhecimento de taes trabalhos; por isso nos animamos a soltar na presente occasião algumas palavras sobre a materia, fiados em que os estreitos limites de uma nota poderão em certo modo encobrir o acanhamento de nossas forças para tão ardua empreza.

E começando pela origem e etymologia da palavra *Classicos*, diremos que vem das *classes*, em que os cidadãos romanos estavam distribuidos na proporção de seus cabedaes. — Aulo Gellio no Liv. 7. cap. 13 das suas *Noites Atticas* nos informa que — *Classici dicebantur non omnes qui in classibus erant, sed primæ tantum classis homines, qui centum et viginti quinque millia æris amplius censi erant. Infra classem autem appellabantur, secundæ classis, cæterarumque omnium classium, qui minori summa æris quam supra dixi censebantur.*

Donde se vê que a primitiva significação da palavra *Classico* foi para designar d'entre os cidadãos romanos os da 1.<sup>a</sup> classe, que era o mesmo que dizer, os homens de mais conta na repu-

blica por seus cabedaes &c. — Daquí por extensão se applicou o mesmo vocabulo para significar os escriptores, que na republica das letras se avantajavam aos outros assim no cabedal da sciencia, como no conhecimento e recto uso da lingua, em que escreviam; e já neste ultimo sentido o toma o mesmo Aulo Gellio, quando no Liv. 19. cap. 8, tratando de certas questões grammaticaes diz — *quærite an quadrigam et arenas dixerit e cohorte illa duntaxat antiquiore, vel oratorum aliquis, vel poetarum, id est classicus assiduus que aliquis scriptor, non proletarius.* — E para cabal intelligencia deste logar de Aulo Gellio, lembremo-nos que elle já no Liv. 16 cap. 10 tinha explicado quaes eram os *assiduos* e os *proletarios*, dizendo — *Assiduus in XII tabulis pro locuplete, et facile munus faciente, dictus ab assibus, id est ære dando, cum id ad tempora reipublicæ postularent: aut a muneris pro familiari copia faciendi assiduitate. — Proletarii appellati sunt qui vero nullo, aut perquam parvo ære censebantur. . . . A munere officio que prolis edendæ appellati sunt, quod cum re familiari parva minus possent rempublicam jurare, sobolis tamen gignendæ copia civitatem frequentarent &c.*

Lá veem outros, que discordam desta explicação; e dizem que *Classico* vem sim de *classe*, mas de *classe*, tomada na accepção, a que foi levada em razão das *classes*, em que os mestres nas escholas distribuem os discipulos. Para isto teem a abonação de Quintiliano, quando no Liv. 1. cap. 2. *De Oratoria Institutione* tratando da preferencia das escholas publicas sobre a instrucção de portas a dentro, diz — *Non inutilem scio servatum esse a præceptoribus meis morem, qui cum pueros in classes distribuerant, ordinem dicendi secundum vires ingenii dabant; et ita superiore loco quisque declamabat, ut præcedere profectu videbatur. Ea nobis ingens palmæ contentio. Ducere vero classem multo pulcherrimum* — E assim neste sentido dizer *Auctores Classicos*, é o mesmo que dizer, aquelles que, por deverem servir de modello, são por isso com preferencia escolhidos para a instrucção da mocidade nas escholas.

Mas seja destas qualquer que for a opinião, que se adopte, ácerca da etymologia da palavra *Classicos*, é certo que esta ex-

pressão vem sempre a significar a mesma cousa ; isto é , os Auctores mais insignes na pureza da linguagem , na propriedade da frase , e na elegancia do estilo.

É por tanto claro que uma nação não pode dar *Auctores Clássicos* , em quanto a sua civilisação for rude , e pouco polida ; em quanto a vida social , e o commercio dos homens forem limitados e empécidos ; e não tiver chegado a um alto grau de cultura a razão e o entendimento : porque só a par , e de mistura com esta cultura da razão e do entendimento , pode florescer e prosperar a linguagem , e ir ganhando , quanto lhe for possível , os dotes , de que depende a sua perfeição.

Estes dotes são (como nos ensina um insigne philologo de nossos dias n'uma obra preciosa , que apenas anda nas mãos de alguns curiosos , mas que desejariamos fosse lida e meditada por todos os que se dedicam ao estudo das letras) (\*), estes dotes , dizemos , consistem em ser — 1.<sup>o</sup> clara ; 2.<sup>o</sup> copiosa ; 3.<sup>o</sup> breve ; 4.<sup>o</sup> corrente e fluida ; 5.<sup>o</sup> viva e versatil.

Para que na linguagem se dê a *clareza* cumpre 1.<sup>o</sup> que ás palavras se liguem sempre por todos noções fixas e bem determinadas ; 2.<sup>o</sup> que se fixe o numero das significações de cada um daquelles vocabulos , que podem ter muitas ; 3.<sup>o</sup> que nella haja a maior regularidade possível na derivação e composição dos vocabulos , na syntaxe e collocação dos mesmos , e por tanto nas inflexões dos vocabulos declinaveis. — É *copiosa* a linguagem , que não carece do cabedal de vocabulos necessario para os fins sobre-ditos ; e que quando lhe falte possa suppril-o antes do seu proprio fundo que recorrendo ás linguas estranhas. — Será *breve* quando exprima o maior numero de ideias pelo menor numero de vocabulos. — *Corrente ou fluida* quando for de pronuncia tão facil que fatigue o menos possível o orgão oral de quem falla ; e os sons simples de cada palavra possam ser distinctamente percebidos por quem ouve , depois de distinctamente proferidos

---

(\*) *Noticia Succinta dos Monumentos da Lingua Latina , e dos Subsídios necessarios para o estudo da mesma ; por José Vicente Gomes de Moura , professor da lingua grega no R. Collegio das Artes da Universidade. — Coimbra — Na Real Imprensa da Universidade. — 1823. — 1 vol. 4.<sup>o</sup>*

por quem falla. — *Viva* quando retratar com a maior viveza as imagens dos objectos, e com a maior sensibilidade os sentimentos do espirito; *versatil* quando tiver cabedal apto para todos os estilos.

Será pois *Classico* aquelle *Auctor*, que ou concorrer para elevar a sua lingua ao maior gráu de perfeição em cada um destes dotes, ou souber servir-se rectamente della já aperfeiçoada, praticando sem mancha nos seus escriptos (como dissemos) a pureza da linguagem, a propriedade da frase, e a elegancia do estilo. — A *pureza da linguagem*, para não usar de palavras ou estranhas á lingua, ou reprovadas pelo uso razoavel; e evitar assim os barbarismos, archaismos, e solecismos. — A *propriedade da frase* para que cada ideia seja exprimida pela palavra ou frase, que mais propriamente a representa, a fim de que o ouvinte ou leitor possa cabalmente entender o pensamento do *Auctor*. — A *elegancia do estilo* para que as palavras, escolhidas com as condições das duas regras antecedentes, sejam dispostas por tal ordem e proporção, que indiquem na mente do *Auctor* as ideias arranjadas segundo as suas mais convenientes e luminosas relações. — É com pouca differença isto mesmo o que o nosso *Auctor* entende, quando nesta part. a pag. 7., fallando de João de Barros, diz que o leitor — *admirará nelle uma tal abundancia de termos, cheios de propriedade e energia, e uma tal affluencia de expressões genuinas, nascendo tudo de um estilo claro e correcto, que jamais se animará a negar-lhe o justo titulo de primeiro mestre da linguagem portugueza.*

Porem para chegar a possuir estes dotes de *Auctor Classico* não basta cultivar a razão em abstracto, é preciso juntar-lhe a observação do mundo positivo. — O alemão Sulzer, que no seculo passado escreveu uma *Theoria geral das Bellas Artes*, á qual os *Auctores do Diccion. das Sciencias* foram buscar o que disseram a respeito de *Auctores Classicos*, exprime-se desta maneira — *O espirito d'observação, primeira qualidade d'um Auctor Classico não se adquire por meio de estudos abstractos, e não se forma no fundo d'um gabinete. E' no mundo polido, no meio dos negocios, e pela communicação dos homens, que são dotados des-*

te talento, que aquelle espirito se aperfeição. A sociedade, moralmente a que se occupa de grandes objectos, em que todas as faculdades do entendimento teem de entrar em acção, e se desenvolvem com rapidez; em que é preciso n'um volver d'olhos abraçar um grande numero de considerações, e pensar solidamente sem ter tempo de reflectir com methodo; esta sociedade é a verdadeira escola, em que o espirito adquire a força, a coragem varonil, e a segurança, que formam um Auctor Classico. Só um genio feliz é que pode progredir sem este auxilio, e só a este é que a leitura dos bons Auctores pode valer por tudo o mais. — Não nos deu novidade o alemão, que já um seculo antes d'elle tinha escripto e dado á estampa o grande portuguez Vieira, na approvação da 3.<sup>a</sup> parte da *Historia de S. Domingos*, que — *A arte de fallar com propriedade em tudo o que abraça uma historia, não se estuda nas academias das sciencias, senão na universidade do mundo.*

Não concordam os nossos criticos em quaes sejam nomeadamente os Auctores e Obras, que devam entrar na lista dos *Classicos*; nem tão pouco nos limites da epocha, em que aquelles Auctores e Obras se devem procurar. — E' verdade que os ultimos tres quartéis do seculo de quinhentos, e o primeiro do de seiscentos, foi a epocha em que a lingua portugueza ostentou em gráu eminente os dotes da perfeita linguagem. E' verdade que antes daquella epocha era mais rude, e menos polida: e que depois della se deteriorou assim na genuinidade dos vocabulos, como na lizura e graças do estilo. Mas nem por isso se segue que os escriptores quinhentistas, só porque os são, devam ser reputados como oraculos privativos da lingua portugueza. — Pelo que nos toca, estamos persuadidos que, seja lá qual for a epocha, em que um Auctor tenha escripto; seja elle de hontem, ou seja dos seculos passados; será com justiça reputado por *Classico*, isto é, por *mestre pratico* da lingua, todo aquelle, que souber servir-se dos dotes proprios da perfeição della com as condições apontadas da pureza, da propriedade, e da elegancia. — E assim terminaremos estas observações da mesma sorte que Plinio, o moço, começou uma carta a seu amigo Caninio, recommendan-



do-lhe a leitura de um Auctor moderno — *Sum ex iis, qui mirer antiquos; non tamen, ut quidam, temporum nostrorum ingenia despicio. Neque enim quasi lassa, et effæta natura, ut nihil jam laudabile pariat.* — (\*)

Nesta mesma *Reflexão* comette o Auctor duas injustiças, bem pode ser que involuntarias; a primeira por omissão, a pag. 7, quando ao accusar o estilo dos antigos chronistas, não exceptua Fernão Lopes, o pae da nossa historia, que em seu dizer, apesar de muito distante da belleza dos bons quinhentistas, tem certa energia e propriedade, e um toque d'elegancia na sua singeleza, que o caracterizam entre os seus contemporaneos e successores. Quanto ao seu merito como historiador está hoje reconhecido, e já tinha dito ha annos um dos nossos melhores criticos, F. Dias Gomes, que Fernão Lopes foi dos que na moderna Europa melhor souberam escrever a historia. — A segunda semrasão a pag. 8 é tambem contra outro nosso historiador, Fr. Antonio Brandão, digno de alto apreço por muita e acertada investigação e por seu bom juizo, e que afóra estes dotes não vai mui longe de Brito em propriedade e pureza. Brito escrevia com elegancia, é verdade, mas teve a fortuna de começar a *Monarchia Lusitana*, e ainda que o que escreveu della seja o mehos exacto e importante, tal fama cobrou que era mui vulgar ao fallar-se na *Monarquia* cita-lo immediatamente, qualquer que fosse o tomó e lhe não pertencesse: a *Chronica de Cister* era outra abonação do bello estilo de Brito, e daqui nasceu que com mais ou menos razão o preferiram sempre aos seus continuadores. — A injustiça commetida contra Brandão é neste logar mais flagrante, porque ali mesmo é citada uma passagem de Severim de Faria que elogia Fr. Bernardo, dando-o por modelo de *linguagem e juizo*: quanto á primeira de certo ninguem lhe desfolhará a corôa, mas quanto a *juizo e critica* tem hoje o louvor dado pelo chantre d'Evora grande rebaixa.

(\*) Diz que sendo dos que admiravam os antigos, nem por isso desprezava os bons engenhos do tempo d'elle, nem reputava a natureza tão cansada e exaurida que já não podesse produzir cousa capaz e digna de louvor.

Á REFLEXÃO 2.<sup>a</sup> — *Sobre o uso de vozes antiquadas.*

Quando o Auctor escreveu ainda reinava o demasiado escrupulo dos que entendiam que certos vocabulos não se admitiam em discursos graves, ou em versos sobre serios assumptos. O seiscentismo foi o precursor da decadencia da pura linguagem portugueza: os homens que então metrificavam (e havia uma praga delles, nenhum dos quaes passará á posteridade) limitaram-se ao uso de um certo numero de palavras, que empregavam por conta e medida, apoucaram as formosuras do idioma, cercearam-lhe as galas, diminuíram-lhe o cabedal, com que Fr. Luiz de Sousa, Barros, Vieira, e outros que verdadeiramente podêmos chamar Classicos, ostentaram riquezas, que hoje vão desenterando, e descobrindo novamente polidas, os poucos que se esmeram em fallar portuguez livre tanto de archaismos como de innovações desnecessarias, abundante em termos genuinos e expressões facundas e proprias. Nessa epocha de calamidade para a lingua e tambem para o progresso intellectual, as metaphoras violentas suppriam ideas, e meia duzia de palavras sonoras a copia da dicção. Condemnados estão ao desprezo os escriptores da lingua freiratica, e ninguem se lembrará de sacudir-lhes o pó e traça que os róe. — O escriptor imaginoso, fecundo, conhecedor dos segredos da sua linguagem, dispoem desta a seu bel prazer; tem seus toques originaes; agrada, convence e commove, segundo a materia do seu discurso; e as palavras, que em outra boca pareceriam improprias, sahem da sua com a força ou com a graça conveniente; sempre bem parecem onde elle as poz, e não ha quem se lembre de as reprovar por obsoletas ou por triviaes. Esta é a creação do genio, que adapta os materiaes ao edificio que levanta; e nós não tivemos um engenho creador no desgraçado tempo do seiscentismo. Na edificação de um muro não sabem obreiros imperitos ou negligentes escolher as faces e as quinas das pedras, e ajusta-las sem deixar vãos ou escabrosidades; mas se o mestre chega a erguê-lo por sua mão, ao lanço que elle acabou pode deitar-se o nivel que a obra é perfeita. Assim acontece ao escriptor eximio; de todos os materiaes lança mão,

mas onde elle os colloca é que outros não os saberiam assentar. — A distincção entre palavras prosaicas e metricas não é exacta.

Pelo que respeita a vozes antiquadas algumas ha que o uso dos modernos escriptores tem acreditado, e a propriedade dellas lhes deu cabimento. O bom julzo do nosso Auctor luta com os preconceitos do seu tempo, que tinham desterrado muitos termos expressivos, de cuja supressão se lastima. Veja-se o que diz de — *queixume*, *esquivar*, *dissidente*, *feitura*, *grey*, *sobreceño*, e outros vocabulos tão necessarios para variar a frase, e que a moda então reputava antiquados: não duvidamos hoje empregalos, e assim outros muitos, em que actualmente ninguem faz reparo; por exemplo: — *derradeiro*, *delonga*, *doestar*, *atavio*, *embair*, *escudar*, *esmolar*. No tempo do seiscentismo de que ainda em vida do Auctor havia resaibo, proscreveram-se palavras com a estulta distincção de termos prosaicos, ou metricos, e alem disso chamaram velhas ou plebeas a palavras, sem mais sentença do que a tyrannia da moda, que por então imperou no discurso escripto ou pronunciado, como hoje (e sempre) dicta leis no vestuario e nos moveis. — Palavra verdadeiramente *velha* temos nós que é a que foi substituida por uma ou mais palavras de maior euphonia, graça, e força d'expressão, e por isso não convem resuscita-la, principalmente sendo tão obsoleta que hoje careça de traducção. Palavra plebea chamaremos aos termos chulos da gentalha, que ninguem atina donde vieram, ninguem sabe como se escrevem, e que, o peor de tudo, lembram cousas torpes e obscenas; o signal caracteristico para as distinguir é notar se as pessoas honestas as proferem ou não.

Adduz o Auctor outras palavras nesta reflexão, que não cahiram em tanto desuso, como pode do seu dito suspeitar-se; por exemplo, *companha*, é como os pescadores das nossas costas maritimas designam sempre o todo da gente de seus bateis: *córrego* por levada ou jorro de aguas para regas é usadissimo; na linguagem geognostica pôde supprir o *thalweg* dos alemães; abrangge a sua significação cortes de terreno para escoantes, e se emprega como termo de mineração. *Emboras*, *fallecer* por *faltar*, *ferôs* por *ameaças*, *galardoar*, *lide* e *louçania* são ao presente

vocabulos mui acceitos, em que não ha quem faça reparo; *mes- cabar* ninguém dirá, porem *menoscabar*, assim como *menospre- sar*, está em voga.

Parece-nos que o Auctor se engana quando diz que *hoste* nos Classicos significava *arraial*; cremos que designa tropa no com- bate, e *arraial* o alojamento do exercito na guerra.

Tambem se equivoca em dar por antiquado *lasso* por *can- çado*, e mais ainda em dizer que se usa somente na acepção de cousa *frouxa*, mal apertada, porque então se não escreve como o Auctor aponta, mas sim *laxo*, seguindo a etymologia latina.

*Timoneiro*, auctorizada por Vieira, é palavra que alguns to- mariam hoje por gallicismo, do francez *timonier*: venha um vo- cabulo só que designe o marinheiro de governo, ou *homem do leme*! Os nossos antigos escriptores estão cheios de vocabulos oriun- dos, provavelmente do provençal que soariam hoje como outros tantos gallicismos. D. João de Castro escreveu no Roteiro do Mar- roxo (sem precisão, é verdade) dias serenos e *jolizes*.

Á REFLEXÃO 3.<sup>a</sup> — *Sobre palavras de auctoridade equivocada*, e á 4.<sup>a</sup> — *Sobre as vozes alatinadas*.

Estas duas reflexões são de toda a obra aquellas em que nos vemos necessitados a ir d'encontro á maioria das decisões do Auc- tor; devem porem conservar-se na integra do texto para utili- dade de quem algum dia intentar a historia da nossa linguagem; provam ellas de sobejo as ideas falsas e restrictivas que ainda não ha cem annos corriam a respeito do uso de vocabulos, que se- ria irrisorio condemnar agora. — Por exemplo reprová a pala- vra — *attestar*, que é termo necessario, para o que veja-se a dif- ferença entre este e *certificar* no 2.<sup>o</sup> tom. do Ensaio de Synoni- mos pag. 114 pelo Ex.<sup>mo</sup> Sr. D. Francisco de S. Luiz; — poem em duvida *mencionado* e *mencionar*, quando em outras partes mostra sentimento, e com razão, de não formarmos de muitos nomes os verbos correspondentes. Neste caso temos menção que é de Camões; e ao presente o uso do verbo que é geral. Se é classico — *energia* — porque não admitte o adjectivo *energico*? —

Se adopta *immunitate* por lhe achar seguros exemplos, como não quer *immune*, que vem da mesma fonte latina? —

O que mais nos admira nestes capitulos é a contradicção com que por assim dizer se lançam fóra vocabulos que a seu favor tem auctoridades, que o Auctor produz, e não de inferior nota; ao passo que se acceitam outros com iguaes condições, e ás vezes com menos necessidade: v. g. não é rejeitado *evento* por *successo*, porque o disse Brito e D. Francisco Manuel, nem *desidia* por *preguiça*, por ser de Vieira, nem *proditor* (*traidor*) que é do mesmo orador, nem *protervo*, porque é de Fr. Luiz de Sousa, nem *prono* (*inclinado ou propenso*) que vem em Barros &c. — e quer-se expellir do uso os seguintes — *empallidecer*, que é de Franco Barreto, citado pelo Auctor, e que nos parece tão classico como *emarellecer*, que é de Arraes, e que o Auctor lhe podia contrapor; se bem que entre os dois verbos se dê a differença que vai da côr amarella á côr pallida ou amarello-esbranquiçado, como observa o illustre Auctor do Ensaio sobre os Synonimos. — *Escolho* não só tem a auctoridade da *Malaca Cong.* tem a da *Eneida port.* e as dos melhores escriptores modernos. Em justificar *prendas* com a auctoridade de Vieira mostra irresolução, deveria porem tomar partido contra os excessivamente escrupulosos, como fez a pró da palavra *emprego*. Se *necedade* é voz castelhana, muitas temos dessa lingua; o que nos admira é que o Auctor não visse o uso que della fizeram Barros e Fr. Bernardo de Brito nas frases, que traz Moraes. — *Lhano* não se emprega só no estilo familiar.

Em vozes que immediatamente derivam do latim ainda maior é o absurdo e contradicção: se não refuta algumas que acima apontamos, nem tão pouco *messe*, *nefario*, *conspecto*, *subitaneo*, *previo*, *inflado*, *intemerato*, *exinanir*, *reciprocicar*, *vacar* por *occupar* &c. com que fundamento rejeita termos tão convenientes e necessarios, como *exhumação*, *longinquo*, *longevo*, *prematuro*, *ignobil*, *implume*, *probo*, *profugo*, *pudibundo*, *fragor*, e outros muitos, que por ordem alphabetica procurará o leitor? . . . Porque não os achou em escriptores tidos e havidos por Classicos: — e como enriqueceram estes a lingua senão tomando do la-

tim um sem numero de termos? — Porque só apparecem em poetas: — já dissemos quanto era futil este joeirar de palavras; como se não houvesse prosa grave, sublime, e tambem harmoniosa. E demais, quem haverá tão lido e de tão segura memoria que ouse affirmar — *não vem n'um só Classico esta palavra!* — Por exemplo: diz o Auctor. « *Ignobil* encontra-se em livros cuja auctoridade não faz peso.» Só para o verso lhe concede patente: e aqui a temos auctorisada em prosa no Diccion. de Moraes! *Pauperrimo* tambem só em poesia o tolera; e eis o superlativo na prosa de Amador Arraes, e o adverbio *pauperrimamente* na Chronica de Cister por Fr. Bernardo de Brito! *Invio* não é só de Godinho é tambem de Arraes. — « *Fragor* (diz o Auctor) por estampido do raio é termo de que só nos poetas se acharão bons exemplos e máos na prosa.» Mas Duarte Nunes de Leão o disse de uma cataracta, e Fr. Bernardo de Brito o disse do mar; porque se não dirá do trovão? — « *Protervia* e *protervo* (vid. a pag. 56 deste volume) poderá ter exemplos seguros, porem ainda os não achámos.» Esqueceu-se o Auctor que na reflexão antecedente (vid. pag. 37) auctorisára *protervo* com Fr. Luiz de Sousa: alem disso as citações d'exemplos seguros destas palavras (como as acima) procurem-se no Diccionario de Moraes, obra facil de consultar, e as que por *A* começarem no volumoso 1.º tomo do Dicc. a que a Academia deu principio.

Á REFLEXÃO 5.ª — *Sobre gallicismos &c.*

Manifesta-se em todo este capitulo a critica judiciosa e prudente do Auctor: concorda elle sensatamente na admissão de vezes tomadas de alheias linguas, quando a necessidade as reclama; e tem sobeja razão, porque o contrario seria pertender que uma lingua viva ficasse estacionaria como o latim e o grego antigo; e que os termos concisos e proprios, introduzidos pelo progresso das Sciencias e das Artes, fossem substituidos por circumlocuções inexactas e muitas vezes ridiculas. O Barão de Bielfeld na sua *Erudition universelle* motejou dos termos latinos, para designar, por exemplo, uma peça de artilharia, uma cabellei-

ra, alguns trastes de uso: maior motivo de riso darão hoje os que pertenderem verter á quinhentista a linguagem scientifica, a industrial, e tambem em muita parte a commercial, do tempo em que vivemos. — Adquire o homem gradualmente no decurso de sua vida ideas, e noticias: e uma lingua que é viva, porque a vai fallando um povo, não hade adquirir vocabulos para exprimir e designar ideas novas, e novos objectos, que as precedentes gerações não conheceram? . . . . Diariamente o progresso intellectual campea sobre o pedantismo puritano. Querer representar uma idea por certa geringonça de palavras é suffocar essa idez, ou faze-la inintelligivel. — Não se entenda por isto que admittimos os gallicismos, italianismos, e anglicismos desnecessarios; e de proposito fazemos enumeração destas tres fontes, superfluas até certo ponto; porque é hoje moda reparar só em gallicismos, alcunhando ás vezes termos que o não são; não se fazendo cargo a critica de outros igualmente reprehensiveis, como *fashionable*, *horse*, &c. que com pouca differença na terminação temos ouvido em conversações, e que se os tolerarem cedo passarão para a linguagem escripta. O nosso Auctor diz bem que ha dois partidos, ambos excessivos, um que nada permite, havendo precisão, e outro que tudo abraça, ainda sem necessidade. Quizeramos que elle fosse mais diffuso na materia; porem não nos pèza porque já temos bom auxiliador no *Glossario* (\*) pelo Ex.<sup>mo</sup> Sr. Patriarcha eleito: oxalá que o zelo da lingua patria suscite alguem que tenha cabedal e vontade para ampliar este proficuo trabalho litterario; e já que atormentados nos vemos com traducções do francez, tenham os que de futuro as intentarem piloto que os livre de naufragarem.

Quanto a certas palavras que o nosso Padre Freire apresenta como reprehendidas pelos cultos do seu tempo, vemos que não ha para o reparo fundamento. *Bellas-Lettras*, e *Bellas-Artes* devem dizer todos; e porque recusaremos o epitheto de *bello* ás cousas que o são por sua natureza? Era preciso que a lingua

(\*) *Glossario das palavras e phrases da lingua franceza, que por descuido, ignorancia ou necessidade, se tem introduzido na locução portugueza &c.* — Primeiramente impresso na Collecção das Memorias da Academia; depois separadamente n'um vol. em 4.<sup>o</sup>

fosse privada desse adjectivo: como antes lhes chamavam, *Boas-Artes*, não se exprime bem a idea; com effeito ha cousas boas, que não são formosas. Quem duvidará dizer — *bellezas da eloquencia*, sendo *belleza* um vocabulo que se applica não só ao composto physico, mas tambem abstractamente no sentido metaphysico? Digam embora que se emprega por analogia, ou no sentido metaphorico &c. mas hade usar-se apesar dos perluxos. Pelo que respeita a *bom gosto* não ha que reprovar, porque *discernimento*, e *juizo* não dão o equivalente significado. — *Charlatão* tem a auctoridade de Fr. Luiz de Sousa na Historia da Religião Dominicana part. 2. Liv. 3. cap. 7.; e não faltarão mais a quem as procurar. — *Viajar*, não sabemos como possa dar-se, a não ser por *peregrinar*: o uso adoptou no mesmo sentido *viagem* sem esquecimento total de *peregrinação*. — *Manobra*, como termo militar e naval, já não ha quem o desaposse. — *Interessante* crêmos que não é digno de excomunhão: boa mania é ter-mos os verbos, e recusarem-se os participios, fazendo aquelles defectivos á força, porque n'um livro sebento, ou roido da traça, se não encontrou essa *natural descendencia do verbo*! — A praz-nos muito e muito a opinião do nosso Auctor, que nem sequer se animou a reprehender *susceptivel* e *responsavel*, quando rejeita outras palavras, de que não temos necessidade: pois assim mesmo *susceptivel* tem bom substituto em *capaz*: v. g. *porto capaz de recolher tantos navios*.

#### Á REFLEXÃO 7.<sup>a</sup> — *Sobre synonymos e differenças de palavras &c.*

A materia com que termina esta primeira parte é de summa importancia para quem deseja escrever com acerto e clareza, o que não é possivel conseguir-se sem escrupulosa propriedade de dicção: o conveniente emprego dos vocabulos faz perceptivel a oração; com palavras de sentido mui lato ou ambiguas ficam as ideas confusas. Por isso o nosso Auctor pôz diligencia em dar a este artigo do seu livro maior extensão, e ainda que imperfeito é mui louvavel o seu *trabalho*, porque os criticos anteriores de tal não curaram. — Em nossos dias alcançou a litteratura patria



um subsidio valioso na obra que seu mui digno Auctor modestamente intitulou — *Ensaio sobre alguns Synonymos da Lingua Portugueza*. Este livro em dois tomos (gozando já o primeiro a honra de terceira edição) é indispensavel aos escriptores aprimorados. Na prefacção expendem-se razões tão sizudas e dignas de meditação, tão appropriadas á materia do presente volume, que nos pareceu de necessidade estampar aqui alguns extractos.

— . . . . Sendo incontestavel que o progresso da razão humana em qualquer ramo das sciencias depende essencialmente da exacta precisão da linguagem, e que um dicionario bem feito do idioma de qualquer nação é o mais certo demonstrador do grau de perfeição, a que tem chegado nessa nação os conhecimentos uteis; claro está que nem aquella precisão se pode alcançar sem serem bem determinadas as differenças, ás vezes quasi imperceptiveis, que ha entre os vocabulos reputados por synonymos; nem este dicionario se poderá jamais dizer bem feito sem que nelle se notem essas differenças. . . . .

« Temos na verdade muitos e illustres Classicos, que na idade aurea da nossa litteratura escreveram com pureza e elegancia, e até com sufficiente perpicuidade e nos transmittiram em seus escriptos muitas riquezas da linguagem patria: mas não tivemos então, nem temos tido até o presente, abundancia de sabios que escrevessem na lingua portugueza obras scientificas e didacticas, em que lhes fosse necessario determinar e fixar com toda a precisão philosophica o valor e differenças dos vocabulos synonymos, e em que por esse modo nos deixassem os subsidios necessarios para o bom desempenho do nosso assumpto.

« Em todos os tempos parece que a criação ou restauração da litteratura e bellas-artes tem precedido á das sciencias severas e exactas; e esta lei que se observa na historia litteraria das nações sabias, abrangeu tambem ao nosso Portugal.

« Melhorou-se nos reinados dos senhores D. Manuel e D. João 3.<sup>o</sup> a nossa lingua; cultivou-se com grande esmero a poesia nacional, a eloquencia, a historia, e outros ramos da litteratura; mas as sciencias, que costumâmos chamar maiores, ficaram no misero estado, em que então se achavam geralmente

em toda a Europa ; e os progressos , que logo depois começaram a fazer em algumas nações cultas , não puderam superar os redobrados obstaculos , que em Portugal se pozeram á sua introdução.

« Assim a lingua ganhou muito na abundancia de vocabulos , na regularidade das formas , na harmonia dos sons , e na flexibilidade a todos os estylos ; mas mui pouco ou nada adquiriu na exacção e precisão philosophica ; porque nem a verdadeira arte de pensar era ainda cultivada , ou pelo menos conhecida ; nem a sua íntima e necessaria ligação com a arte de fallar e escrever era demonstrada , como depois o foi pelos esforços e immortaes trabalhos de Locke e Condillac.

« Os nossos Classicos pois , não conhecendo as incomparaveis vantagens da analyse no estudo das faculdades intellectuaes e de quaesquer outros humanos conhecimentos , nem julgando de absoluta necessidade para a belleza de seus escriptos essa apurada precisão dos vocabulos , em que consiste o principal instrumento da mesma analyse , empregaram as mais das vezes promiscuamente as palavras , que no uso vulgar se tinham por synonymas , e quasi nos não deixaram soccorro algum para bem determinar-mos as suas differenças . . . »

Já na 4.<sup>a</sup> edição do Diccionario coordenado por Moraes se aproveitou boa parte do trabalho do illustre Auctor do Ensaio , sem que comtudo possa dispensar-se de consultar este tratado o estudante curioso e applicado.

Quanto ao nosso Padre Freire poucas observações faremos. — Parece-nos porem que sendo a maioria de suas distincções acertadas , peccou ou equivocou-se nas seguintes.

Reprovando a opinião do Padre Bento Pereira , auctor da *Prosodia* , cahe n'outra censura , porque *tem para si que animal e bruto é a mesma cousa*. E' sabida a distincção entre o homem e os animaes irracionaes. — Pode ser que o Auctor tivesse em mente as palavras *animália* ou *alimária* e por um lapso de pena as não escrevesse , pondo em vez dellas o vocabulo , *animal*.

*Batalhão* e *esquadrão* designam hoje o inverso do que pertende o Auctor , e ficaram as suas antigas significações ( trocadas

agora quanto ás respectivas armas) sepultadas nas paginas do *Portug. Restaurado*.

De *bens moveis* está corrente a definição, mas não tanto a de *bens moventes* pelos que em estilo forense se dizem *semoventes* (que se movem por si) como gados &c. para distincção dos primeiros, e dos predios rusticos ou urbanos, a que chamâmos *bens de raiz*. *Movente* é um participio do seu verbo, significa *agente que poem em movimento*. Admira-nos que o Auctor admitisse este termo, que tem por auctoridade a *Eschola das Verdades*, que n'outras partes acremente censura; e comtudo esta obra, traducção do italiano, é reputada classica até pelos Auctores do Diccionario da nossa Academia.

*Brandir* a lança é meneá-la, sopeza-la para acertar o golpe, e não para arremeça-la: só o dardo e outras armas curtas eram as que se despediam com a mão atirando-as contra os adversarios.

*Dedicção e sagração* não são tão equivalentes vocabulos, como se lê no texto: porque toda a igreja é dedicada ou benzi-da, isto é preparada com as ceremonias canonicas para a celebração dos officios divinos; mas nem por isso toda a igreja é *sagrada*. A *sagração* é uma nova, mais solemne, e por assim dizer *mais energica dedicção*, e em prova e memoria della se collocam certas cruces de pedra nas paredes e columnas do templo.

*Destacamento*: dá o Auctor esta palavra nova, mas na accepção em que no seu tempo se usava. Como então, é termo puramente militar; mas agora designa uma fracção, de ordinario pequena, de um corpo arregimentado, que se separa para guarnecer algum posto determinado, por tempo limitado, e para serviço d'antemão sabido.

*Douto*: *erudito*: não admittimos esta distincção do Auctor. — *Erudito* chama-se áquelle homem, que se avantajá aos outros no conhecimento dos factos, alcançado por via de uma grande leitura: *douto*, ou melhor *sabio*, ao que se distingue no conhecimento d'algum daquelles systemas dos conhecimentos humanos, que se possa chamar sciencia. — A erudição comprehende tres principaes ramos; que são, o conhecimento da histo-

ria, o das linguas, e o dos livros. E' verdade que os progressos neste ultimo ramo suppõem até um certo ponto o conhecimento das materias, que nos livros se tratam, e o dos Auctores delles; o que tudo faria o homem alem de *erudito*, tambem *douto* ou *sabio*: mas a *erudição* consiste principalmente no conhecimento do que os homens instruidos teem julgado destas obras, da especie de utilidade, que se pode tirar da sua leitura, das anedoctas, que respeitam aos Auctores e aos livros, das differentes edições destes e sua escolha &c.

Neste sentido é que os Auctores da *Encyclopedia*, no artigo *Erudition* se queixam de que no seu seculo tenha sido tão despresada a *erudição*, quando a cultura desta era mui conveniente, mesmo para o adiantamento das *sciencias*, que com tanto ardor eram então estudadas. As queixas da *Encyclopedia* seriam applicaveis ás circumstancias da França; mas cá entre nós foi o seculo passado, seculo de *erudição*. Bastará nomear entre outros muitos ao Padre João Baptista de Castro, D. Antonio Caetano de Sousa, Diogo Barbosa Machado, Antonio Pereira de Figueiredo, D. Fr. Manoel do Cenáculo &c.

E' porém certo que levará sempre a palma a todos os homens instruidos aquelle, que a uma extensa e bem dirigida *erudição* souber juntar um profundo conhecimento das *sciencias*.

*Embryão*, em zoologia, chama-se ao germen do novo animal logo que começam a ser visiveis as formas do corpo e dos membros: em botanica dá-se tambem o mesmo nome ao rudimento da nova planta, quando começa a desenvolver-se da semente.

*Encyclopedia* não tem a etymologia, que lhe dá o Auctor: attendendo-se bem á composição grega desta palavra achar-se-ha que significa *instrucção em circulo*, servindo para denotar o *circulo* de todas as *sciencias* e artes: veja-se Quintiliano *de Instit. Orat. Lib. 1. cap. 10. in princ.* Por isso não incorreu em pleonasmoo o auctor italiano, que pelo nosso é censurado.

*Ephemeras* não são só certas flores, mas tambem umas borboletas que apenas vivem um dia.

*Escutar* differe de *ouvir*: este é receber meramente as

impressões dos sons ; aquelle *applicar o ouvido*, *ouvir com attenção*.

*Estrada* : são acertadas as distincções que vem sob este titulo ; porem não é exacto que *ladeira e calçada* seja a mesma cousa postoque em Lisboa chamem exclusivamente *calçadas* ás ruas ingremes. Toda a rua ou estrada , coberta de pedra unida e batida , é *calçada*.

*Faisca* : não vemos que os auctores a tenham distinguido de *scintilla*, que tambem se usa traduzida, como em hespanhol, *centelha* ; estas tres vozes significam a mesma cousa.

*Fallecer* ; não está antiquado na accepção de fazer falta acabando : v. g. *falleceu* o dinheiro para as compras.

*Furtar e roubar* : a distincção que faz o Auctor é de Duarte Nunes de Leão que no *Orig- da Ling. Port.* diz : *a acção do ladrão publico chamam roubo ; a do ladrão secreto , furto*. Mas é certo que *roubo* designa o *furto* feito com violencia e força.

*Gado* : o Auctor não especificou os particulares termos com que se designam as diversas qualidades de animaes domesticos , quando se reúnem muitas cabeças , ou no pasto, ou no curral, ou no monte ; pertencas de um só proprietario ou de muitos, mas encarregadas á vigia de um homem : dizemos propriamente *rebanho* de ovelhas , *fato* de cabras , *vara* de porcos ; e ninguem usa dos vocabulos alatinados , *armento e grey*. Comtudo ha nisto variações ; porque *manada*, que do latim *mannus* se devia escrever *mannada*, é termo especial para um bando de eguas de criação ; mas os campinos das lesiras chamam tambem *manada* aos touros bravos que guardam , e é muito frequente ouvir dizer *manada* de porcos. *Rebanho* parece no uso vulgar um termo generico , porque até dizem , *rebanho* de perús , de galinhas &c. pelo que acharão que no trato familiar e quotidiano se não applica só ás ovelhas. Já se vê o quanto andam confundidos estes termos, porem o escriptor correcto os empregará constantemente na accepção mais propria e que uma vez tiver adoptado.

*Granito* na nomenclatura geognostica significa uma rocha primitiva, composta de grãosinhos de feldspatho, quartzo e mica.

*Jerarchia*, tambem hoje se usa, apesar da etymologia, para

designar as differentes graduações na ordem politica e civil, assim da nobreza hereditaria como dos cargos da republica.

*Incontinencia* : não podemos conformar-mos com a distincção que vem neste logar. A *continencia* é virtude opposta ao appetite libidinoso, segundo lêmos em exemplos de Classicos antigos, e posteriormente no *Ens. sobre Synon.*, pag. 40 e 41. — « O celibato christão demanda *continencia* perpetua. A viuvez, que não passa a segundas nupcias deve ser *continente*. » Segue-se que *incontinencia* é propriamente o vicio contrario daquella virtude, posto que tambem o seja á temperança em geral.

*Indigencia* é necessidade de alguma cousa : esta definição, no ponto que se trata, é um tanto vaga ; porque *indigencia* diz mais que pobreza. — Os outros vocabulos estão bem definidos. — Aqui apparece outra vez a mal fundada distincção entre palavras metricas e prosaicas, reprovando-se o uso de *indigencia* e *inopia* nos discursos em prosa : note-se que por essa forma só o verso ficava com a regalia de exprimir com exacção mais duas ideas, visto que o Auctor mostra não serem os dois vocabulos rigorosamente synonymos de *pobreza*, como o não são de *penúria*.

*Irmão* : neste paragrapho naturalisa o Auctor a palavra *cadete* para indicar os filhos segundos ; porem não vemos que fosse adoptada, salvo para significar os mancebos nobres com praça de simples soldado, a que chamam agora *aspirantes*, e que a lei habilita para officiaes : assim mesmo não exprimia distincção entre o primogenito e os outros filhos.

*Istrião* : deve escrever-se *histrião* para concordar com a etymologia latina.

*Lagôa* : não é exacto dizer que chamâmos *lagôa* ao ajuntamento d'aguas que sécca no verão : a lagôa de Obidos, algumas dos pincares da Serra d'Estrella nunca ficam enxutas.

*Melodia* é o thema ou canto principal de uma peça de musica. *Harmonia* é uma serie de diversos sons accordes, que se tiram com a voz ou com os instrumentos para sustentar e fortalecer o canto principal. A melodia sustentada por uma harmonia debil não faz effeito, salvo se está fortissimamente caracterisada. A harmonia sem melodia é sempre musica má.

*Patibulo*: não estamos pela differença aqui apontada pelo Auctor, e recorrendo á etymologia e ao uso de nossos bons Auctores entendemos que *patibulo* é o logar proprio para os condemnados soffrerem o supplicio, mórmente o de pena ultima: *cadafalso* não é propriamente o logar de supplicio, mas sim uma armarção de madeira, ou um tablado levantado do chão, destinado para nelle se praticar qualquer acto publico, ás vezes de festa e regozijo, como a coroação de um rei &c. Como porem muitas vezes se executa a pena capital nos réos em semelhantes cadafalsos, ou palanques; dahi veio tomar-se *cadafalso* na accepção de *patibulo*. Mas pelo que dizemos se vê que nem sempre o *cadafalso* é *patibulo*, nem o *patibulo* *cadafalso*.

*Pratear*: não podemos ir contra o termo technico de um officio. *Pratear* é cobrir com folha de prata; val o mesmo a voz alatinada *argentar* ou *argentear*.

*Praia, margem*: para se ver que não é exacta a applicação destas palavras no sentido do A., consulte-se *Synonymos*, tom. 1. pag. 193; artigo reproduzido na 4.<sup>a</sup> edição do Dicc. de Moraes, verb. Margem.

*Preambulo*: define-o bem o A.: mas quanto a *lôa* accrescentaremos que é propriamente *discurso em louvor*; e d'ahi veio chamarem os nossos antigos *lôa* no drama aquelle primeiro discurso ou introdução, em que de ordinario havia louvores: ainda são bem conhecidas as *lôas dos cirios* que vão ás romarias, como de N. S.<sup>a</sup> do Cabo, da Nasareth &c.

*Principios*: não é força que os da geometria se chamem sempre *elementos*; qualquer destes termos exprime as verdades fundamentaes de qualquer sciencia ou arte. Tambem não é exacto que *crepusculo* denote só o principio do dia; para este é mais proprio *alva* ou *alvor*, e *aurora*: *crepusculo* tanto é principio como fim do dia, pois ha o matutino e o vespertino.

*Rosto*: *semblante*. — *Rosto* tem uma significação mais ampla do que a palavra *cara*, e parece exprimir em geral a parte dianteira da cabeça, que é juntamente a mais saliente, ou a que mais apparece, ou primeiro se adverte, tanto no homem como em outros objectos; assim dizemos o rosto do homem, o rosto

do cabo, o rosto da ilha &c. — *Semblante* é a cara ou rosto do homem, quando nelle apparece o estado da alma, a expressão dos affectos e paixões: ex. — «E no *semblante do rosto* representava tristeza e vida descontente.» *Franc. de Moraes. Palmeirim*, p. 1. cap. 13.

*Sobrenome*: desta vez temos o atrevimento de ir contra a auctoridade de Vieira. Outra é nosso entender a differença entre *sobrenome* e *appellido*. E para que possamos bem determina-la convem recordar que quatro são as especies de nomes na gente portugueza. 1.<sup>o</sup> *Nome* do baptismo, ou *nome* propriamente dito; 2.<sup>o</sup> *sobrenome*; 3.<sup>o</sup> *appellido*; 4.<sup>o</sup> *alcunha*.

O *nome* do baptismo (assim chamado por ser posto ao individuo no acto de receber aquelle sacramento), como *Antonio*, *João*, *Maria*, &c. corresponde ao prenome dos romanos, *Lucius*, *Publius*, *Caius*, &c.

O *sobrenome* é um segundo nome, que ás vezes se accrescenta ao primeiro, como *João Antonio*, *Francisco Joaquim*, *Maria Rosa*, &c. Não tem correspondente latino. Alguns *sobrenomes* são tomados de santos, ou de outros objectos de devoção, assim como *Antonio de S. Raimundo*, *João de Christo*, *Maria da Conceição* &c. Nas ordens religiosas era uso, e em algumas obrigação, trocar os *sobrenomes* do seculo por estes de devoção. Ha porem muitos individuos, que não usam de *sobrenome*, e assim vemos nomeados *Antonio Vieira*, *D. Luiz da Cunha*, &c. Pelo contrario ha outros, que usam de dous *sobrenomes*, posto que mais raras vezes se encontrem. Somente os nossos principes tomam no baptismo uma longa serie de *sobrenomes*; mas isto é pura cerimonia, porque passado aquelle acto, nunca mais lhes servem para cousa alguma; e nas suas assignaturas é etiqueta assentarem somente o nome proprio.

O *appellido* é um nome commum a toda a familia, e passa por herança de pais a filhos; como *Pereira*, *Menezes*, *Castro* &c. Corresponde ao *nomen*, e em certo modo tambem ao *cognomen* dos romanos, ex. *Cornelius*, *Tullius*. É raro achar entre nós alguém sem *appellido*, e se apparece, é sempre tido por pessoa de pouca conta. Pelo contrario os nobres de toda Hespanha fazem



galla de um grande numero de *appellidos*, para recordarem as familias illustres, de que descendem.

*Alcunha* é um nome particular a um só individuo, derivado d'alguma circumstancia pessoal, frequentemente de algum vicio ou defeito, e é applicado por allusão injuriosa. São mui comuns entre a plebe. Correspondem ao *agnomen* dos romanos. — As *alcunhas* transformam-se muitas vezes em *appellidos*, quando são adoptadas pelas pessoas, a quem foram applicadas, e passam assim em herança a toda a familia. Muitos *appellidos*, hoje de distincta nobreza, foram talvez na sua origem injuriosas *alcunhas*.

Ha entre nós, e nos demais povos de Hespanha, uma especie particular de *sobrenomes*, que são os *patronimicos*, — *Alvares*, *Martins*, *Sanches*, *Gonçalves*, &c. — que significam *filho de Alvaro*, *filho de Martim* ou *Martinho*, *filho de Sancho*, *filho de Gonçallo*, &c. Antigamente eram sempre exactamente applicados nesta significação. Assim o nosso 1.<sup>o</sup> Rei D. Affonso chamou-se *Henriques*, por ser filho do conde D. *Henrique*. D. Nuno *Alvares* Pereira, chamou-se *Alvares* por ser filho de D. *Alvaro* Gonçalves Pereira; e este era *Gonçalves* por ser filho de D. *Gonçallo* Pereira &c. Ha muito tempo porem que se não observa este rigor, e os *patronimicos* teem passado a ser *appellidos* de familia. — Os nossos latinistas quando vertem em latim estes *sobrenomes patronimicos*, usando de uma elegante syntaxe, poem-nos em genitivo: assim dizem de *João Pires*, ou *Peres*, — *Joannes Petri*, — isto é (*filius Petri*); de *Pedro Annes*, ou *Eannes* — *Petrus Joannis*, — isto é (*filius Joannis*) &c. E aqui se advirta na singular derivação deste *patronimico* — *Annes* ou *Eannes*, que nos vem reflectido em segunda mão do latim, e é uma leve corrupção de *Joannis* (*filius*). Em notavel erro pois caem os nossos paleographos, que ignorando a syntaxe destes genitivos *patronimicos* latinos os não sabem verter em portuguez, e se n'um documento encontram, por exemplo, *Joannes Petri* dizem *João Pedro* em vez de *João Pires* ou *Peres*; sem reflectirem que naquellas antigas eras não havia estes modernos *sobrenomes*, mas todos eram *patronimicos*. — Até no nosso mais insigne archeolo-

go, e mestre de diplomatica, João Pedro Ribeiro, que bem sabia tudo isto, achamos destes descuidos. Na sua 3.<sup>a</sup> Dissertação Chronologica e Critica do 1.<sup>o</sup> tomo, — *Joannes Petri de Monteagraco* — verte — *João Pedro de Monteagraco* — em vez de — *João Pires de Monteagrago* — e n'outro logar passa sem mudança para portuguez — *D. Aldara Petri.* —

Seria curioso seguir atravez das differentes phases da civilização portugueza a successiva mudança assim dos nomes proprios como do accrescentamento dos appellidos. Seria curioso ver como foram caindo em desuso os *Lopos*, e os *Sueiros*, as *Elviras* e as *Urracas* até chegar aos *Augustos* e *Guilhermes*, as *Adelaides* e *Hermelindas*. Tambem o seria ver como á antiga singeleza, com que se nomeavam os maiores homens; — *D. Egas Moniz Coelho*, *D. Fuas Roupinho*, *Mem Rodrigues de Vasconcellos* &c. — succedeu a longa serie de appellidos: — *D. Francisco de Lemos Faria Pereira Coutinho* &c.: — Mas nem é para este logar, nem cabe nos limites d'uma nota, tão longa digressão.

Concluiremos observando que ha em portuguez uns *pre-nomes* especiaes, differentes dos prenomes latinos; e taes são os dous *Dom* e *Frei*. São tão inseparaveis dos nomes das pessoas, a quem competem, que se alguma vez por ignorancia ou descuido se ommitem, muitas duvidas se movem sobre a identidade das pessoas; e em negocios ponderosos podem dar logar a graves consequencias. — O nosso Manoel de Faria e Sousa na sua *Asia Portugueza*, tom. 3. part. 4. cap. 6. nos deixou disto um memoravel exemplo. E foi o caso que pela morte do Bispo de Cochim, *D. Fr. Luiz de Brito*, governador da India, no fim de julho de 1629: «abriendo-se luego la sucession segunda, se fue a descubrir la poca atencion de algunos ministros que llegan a ignorar asta los nombres de las mayores personas de su tiempo con quien tratan, y a quien consultan en los mayores cargos. Esto es que alli se hallavan mombrados dos, *D. Lorenzo de Cuña* capitán de la ciudad de Goa, para gobernar lo politico, y *Nuño Alvarez Pereyra* lo militar. Nombre de que en la India se hallavan, o bien dos personas, o bien ninguna. Porque para ser *Don Nuño Alvarez Pereyra*, Cavallero bien co-

» nocido y ausente de Goa , faltava el *Don* : y para ser Nuño  
 » Alvarez Botello, aparecia en vez deste apellido essotro. — Gran  
 » lastima que en una Secretaria de Estado se cometiesse un des-  
 » cuido de que pudiera resultar un gran desayre en la India, si  
 » D. Nuño Alvarez Pereyra no estuviera ausente , porque no  
 » aviendo de ceder en la pretension al cargo alguno destes dos  
 » belicosos Cavalleros , por ventura se arriesgara la quietud pu-  
 » blica , como ya cõ gran peligro entre Pedro Mascareñas , y Lo-  
 » pe Vaz de Sampayo . . . . . Puso-se en duda qual de los dos  
 » era nombrado : uno perdia el derecho por la falta del *Don* ,  
 » y otro por el trueque del *apellido*. Haziase mas impossible al  
 » error en la Secretaria faltar aquel , que trocarse este ; a lo  
 » menos en Portugal adonde el *Don* es *Titulo* de algunas fami-  
 » lias que no sufre olvido : el trueque era sufrible , porque Nu-  
 » no Alvarez Botello avia usado del Pereyra largo tiempo , en  
 » gracia de la memoria de su abuelo Nuño Alvarez Pereira, cuya  
 » hija D. Isabel Pereyra era madre del Botello , y hermana de  
 » Pedro Alvarez Pereyra, del Consejo de Estado &c. . . . . Des-  
 » pues trocó Nuño Alvarez el Pereyra en Botello , quando suc-  
 » cedió en el mayorazgo de su padre Diego Botello , que avia si-  
 » do Governador y Capitan General de los Estados del Brazil.  
 » Mas como las cosas que una vez toman assiento jamás le pier-  
 » den del todo , muchos le llamavan de Pereyra , aunque el se  
 » uviesse dexado de llamar assi , conque de algun modo es des-  
 » culpable el yerro de la secretaria , que no lo fuera en la falta  
 » del *Don* , que como diximos es *Titulo* inseparable de la fami-  
 » lia de aquel Cavallero.



# INDICE.

<i>Prefação da presente edição . . . . .</i>	v.
<i>Introducção ao escriptor principiante . . . . .</i>	1
<i>Reflexão 1.<sup>a</sup> — Sobre a auctoridade dos Auctores Clas- sicos da Lingua Portugueza . . . . .</i>	5
<i>Reflexão 2.<sup>a</sup> — Sobre o uso de algumas vozes antiqua- das . . . . .</i>	22
<i>Reflexão 3.<sup>a</sup> — Sobre algumas palavras, das quaes frequentemente se usa, e os criticos não admittem, por não acharem dellas exemplos seguros. Mostra- se em algumas o erro destes criticos . . . . .</i>	32
<i>Reflexão 4.<sup>a</sup> — Sobre alguns nomes latinos introduzi- dos na Lingua Portugueza por Escriptores de in- ferior classe, aos quaes não se deve seguir . . . . .</i>	44
<i>Reflexão 5.<sup>a</sup> — Sobre alguns Vocabulos Francezes, e Italianos, novamente introduzidos na Lingua Por- tugueza . . . . .</i>	60
<i>Reflexão 6.<sup>a</sup> — Sobre a Syntaxe figurada, e Idiotis- tismos da Lingua Portugueza . . . . .</i>	65
<i>Reflexão 7.<sup>a</sup> — Em que recommendando-se o fallar com toda a propriedade se offerece um Catalogo de termos proprios, cujo legitimo uso frequentemente se perverte. . . . .</i>	70
<i>Notas . . . . .</i>	157

## ERRATA.

	<i>Erros.</i>	<i>Emendas.</i>
Pag. 23	lin. 1 Agrura por impureza	por aspereza
" 25	" 12 Embestegar	Embetesgar
" 36	" 18 Classieo	Classico
" 50	" 9 <i>Ineolume</i>	<i>Incolume</i>
" 68	" 9 <i>diverte</i>	<i>diverte</i>
" 124	" 16 Alarco	Alarte
" 128	" 15 indagencia	indigencia
" 132	" 18 presa	prosa
" 143	" pen. Reliquía	Reliquia
" 146	" 20 com auctoridade,	com auctoridade. (O periodo que se segue é a citação de Vieira.)
" 148	" 8 cezar	czar
" 152	" 18 <i>ducemviro</i>	<i>duumviro</i>
" 170	" 14 peregrinação	peregrinação ou jor- nada.

# INDICE.

157	Notas . . . . .
70	se pertence . . . . .
70	termos próprios, cujo legitimo uso frequentemente com toda a propriedade se offerece um Catalogo de
65	Reflexão 7. <sup>a</sup> — Em que recommendando-se o fallar tiempos da Lingua Portuguesa . . . . .
60	Reflexão 6. <sup>a</sup> — Sobre a Syntaxe figurada, e idiosin- taguena . . . . .
60	tallares, nocamente introduzidos na Lingua Por- Reflexão 5. <sup>a</sup> — Sobre alguns vocabulos Francesez, e fator classe, nos quaes não se deve seguir . . . . .
44	dos na Lingua Portuguesa por Escrittores de in- Reflexão 4. <sup>a</sup> — Sobre alguns nomes latinos introduzi- se em algumas o erro destes criticos . . . . .
32	por não acharem dellas exemplos seguros. Mostra- frequentemente se usa, e os criticos não admittem, Reflexão 3. <sup>a</sup> — Sobre algumas palavras, das quaes das . . . . .
22	Reflexão 2. <sup>a</sup> — Sobre o uso de algumas vozes antipua- sicos da Lingua Portuguesa . . . . .
6	Reflexão 1. <sup>a</sup> — Sobre auctoridade dos Auctores Clas- Introdução no escripto principal . . . . .
v	Prefação da presente edição . . . . .

## ERRATA.

Pag.	lin.	Erro.	Emenda.
23	1	Agora por impura	por asperza
25	12	Embestegar	Embestegar
36	18	Classico	Classico
50	9	Incolunt	Incolunt
68	9	diante	diante
124	16	Alarco	Alarte
128	16	indigencia	indigencia
132	18	press	prosa
142	pen.	Reliquia	Reliquia
146	20	com auctoridade,	com auctoridade.
148	8	cezar	(O periodo que se segue é a citação de Vitor.) cezar
152	18	ducentino	ducentino
170	14	percepção	percepção ou por- anda.